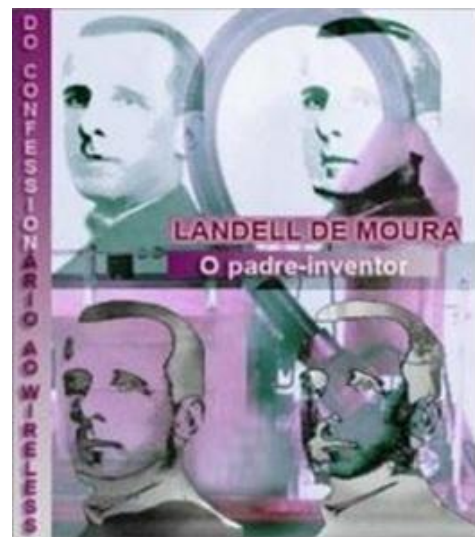


ALINE ESCANDIL DE SOUZA

EDUCAÇÃO & EXPOSIÇÃO:
**A dimensão educativa das exposições
curriculares do curso de Museologia da
UFRGS (2011-2015)**

Porto Alegre

2015



ALINE ESCANDIL DE SOUZA

EDUCAÇÃO & EXPOSIÇÃO:

A dimensão educativa das exposições curriculares do curso de Museologia da UFRGS (2011-2015)

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Me. Ana Carolina Gelmini de Faria

Porto Alegre

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor Carlos Alexandre Netto
Vice-Reitor Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora Ana Maria Mielniczuk de Moura
Vice Diretor André Iribure Rodrigues

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe Moisés Rockembach
Chefe Substituto Valdir Jose Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenadora Ana Carolina Gelmini de Faria
Coordenadora Substituta Jeniffer Alves Cuty

CIP - Catalogação na Publicação

SOUZA, Aline Escandil de
EDUCAÇÃO & EXPOSIÇÃO: A dimensão educativa das
exposições curriculares do curso de Museologia da
UFRGS (2011-2015) / Aline Escandil de SOUZA. --
2015.
79 f.

Orientador: Ana Carolina Gelmini de Faria.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Museologia, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Museologia. 2. Exposição curricular. 3. Educação
em museus. 4. Ação educativa. 5. Curso de Bacharelado
em Museologia/UFRGS. I. Faria, Ana Carolina Gelmini
de, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705
Bairro Santana
Porto Alegre - RS
CEP 90035-007
Telefone: 51 3308 5067
E-mail: fabico@ufrgs.br

EDUCAÇÃO & EXPOSIÇÃO:

A dimensão educativa das exposições curriculares do curso de Museologia da UFRGS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Museologia na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado pela banca examinadora em 03 de dezembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Me. Ana Carolina Gelmini de Faria (Orientadora) - UFRGS



Prof.^a. Me. Vanessa Barrozo Teixeira - UFRGS



Me. Elias Palminor Machado/ Técnico Administrativo - Museólogo - UFRGS

Dedico este trabalho ao campo da Museologia, como minha humilde contribuição para nossa área de conhecimento. Dedico em especial aos meus filhos Antônio e Eduardo, pois deles vem minha inspiração diária.

AGRADECIMENTOS

Um dos momentos mais emocionantes neste trabalho está nos agradecimentos. Gratidão é o nome do sentimento que tenho a todos àqueles que foram importantes e contribuíram na minha trajetória de vida dentro e fora da Universidade, durante os anos da graduação.

Em primeiro lugar à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo acolhimento, os amparos essenciais para a sobrevivência de todo estudante e pelas oportunidades de conhecer pessoas e lugares que foram incríveis. Aos colegas e amigos da Museologia, minhas musas e musos durante os anos da graduação. Nos quais aprendi bem mais do que teoria e prática museológica, e sim também convivência, amizade, valores humanos. Às instituições onde realizei meus estágios Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro e Museu do Motor, foram lugares acolhedores e onde pude aprender sobre a Museologia e sobre a vida, sobre as relações institucionais e seus desdobramentos. À Professora Zita Rosane Possamai, por acreditar na minha capacidade e me apresentar ao mundo da extensão universitária.

À Professora Carol Gelmini, minha orientadora, sem a qual o presente trabalho não teria se realizado. Obrigada Carol pelas dicas, pela confiança, carinho, dedicação e preocupação em mim depositados, por me compreender e apoiar, meu mais profundo sentimento de gratidão. Hoje a senhora faz parte de um dos capítulos mais importantes da minha vida, um momento que consigo vislumbrar novas oportunidades e novos caminhos a serem trilhados tendo a graduação concluída. Todas as palavras se tornariam redundantes, mas não menos importantes perante a dívida de gratidão que tenho contigo além da grande admiração, quando busco inspiração lembro de você. Abraços meus e beijos do Eduardo.

À Banca examinadora, aqui cabe o meu agradecimento, pela a disponibilidade de leitura e análise do trabalho elaborado. Tenham a certeza que foi feito com apreço e sempre pensando na maneira mais clara de desenvolver o tema. Obrigada pela atenção e confiança em mim depositada.

À Professora Ana Maria Dalla Zen, mais que uma professora uma amiga, uma “mãe” que me adotou durante os anos da minha graduação. E com quem tive o prazer de trabalhar e ganhar uma imensa experiência, por sempre me incentivar a jamais desistir e sempre dizer que entre “00:00 às 06:00 da manhã temos muito tempo”. Pelos ensinamentos e orientações acerca

do mundo dos museus, e as experiências trocadas nos diálogos durante as aulas. Obrigada Dalla.

À minha família, sem a qual não seria a pessoa que sou tantos caminhos trilhados e abençoados, a minha avó, minha mãe, padrasto e ao meu já falecido, porém nunca esquecido avô Bertoldo. Pessoas que me ensinaram desde cedo os valores de respeito, dedicação e amor. Quero agradecer com todo carinho que tenho à família que venho formando, os quais sem o apoio de você Júlio e do meu amado filho Antônio não teria chegado até aqui, e do mais novo membro Eduardo que com seu sorriso diário sempre me lembra, que coisas boas acontecem todos os dias. Vocês são minha fonte diária de amor, apoio, determinação e força.

À minha amiga e companheira Lidiane, que nos momentos de dúvida e de certeza estava sempre por perto, quando precisei de um ombro para chorar ou alguém para festejar minhas alegrias sempre esteve lá, que nossa amizade de mais de dez anos, perdure por todas as nossas vidas. Uma amiga que sempre andou ao meu lado, hoje reforço a certeza que sempre tive, somos mais que amigas somos irmãs, todas as palavras dedicadas a ti serão poucas perto do sentimento de amor, esse sim é incalculável. *Parabatai pra ti lidi...*

À Bianca De Lellis, da Escola de Educação Infantil Cambalhota, onde o Antônio estuda desde pequeno, fazendo exercícios lúdicos e preparatórios para o ensino regular, a grande maioria das pessoas acredita que Educação Infantil, não possui importância. Eu discordo disso plenamente, acredito na sua importância e no imenso e prazeroso trabalho de cuidar e ensinar aos pequenos, auxiliá-los no seu desenvolvimento psicopedagógico. Durante os anos quando precisei foi mais que a diretora da escola do meu filho, foi sim uma amiga leal, um abraço no qual encontrei carinho e afeto. Uma referência para mim e o Antônio de pessoa digna, batalhadora.

Ao Odany, Rita e Tarek que em um momento difícil de minha vida me acolheram, me ensinaram tudo que sei no sentido de conhecimento empresarial, “não me deram o peixe e sim me ensinaram a pescar”. Onde em dias chuvosos sempre foram o meu guarda-chuva, pelas horas que passei no escritório estudando e lendo, pelas horas em que me liberaram para as minhas vivências nas bolsas de estudos e viagens pela universidade sem nada pedir em troca e pelo apoio total que tive enquanto mãe do Antônio e Eduardo.

“Nada há como começar para ver como é árduo concluir”.

Victor Hugo

RESUMO

O Trabalho de Conclusão do Curso se propôs a investigar a dimensão educativa das exposições curriculares realizadas pelo curso de Bacharelado em Museologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), identificando o processo de criação e execução de suas propostas educativas. Nesse sentido analisou como o curso de Museologia da UFRGS contempla essa atividade de ensino no âmbito formativo da graduação, compreendendo esse exercício prático como uma habilidade e competência do profissional museólogo. Na realização da pesquisa, para compreender esse processo formativo dos alunos-curadores os conceitos de Expologia (CURY, 2005), Expografia (CURY, 2005), Exposição (DESVALLÉS; MAIRESSE, 2013) e Educação em museus (CURY, 2013; SANTOS, 2002; SANTOS, 2008) contribuíram para a identificação do processo de planejamento e execução do projeto de curadoria e de seus desdobramentos educativo-culturais. A investigação contemplou as cinco primeiras exposições curriculares do curso de Museologia da UFRGS, a saber: *Do confessionário ao wireless: Landell de Moura, o padre-inventor* (2011); *Fatos, lendas e mitos: olhares sobre o imaginário de Porto Alegre* (2011); *Brinquedo é coisa séria* (2012); *Alices: Cenários de Vida e Arte* (2013) e *Agô - presença negra em Porto Alegre: uma trajetória de resistência* (2015). A metodologia empregada, de cunho qualitativo, compreendeu coleta das memórias sobre o processo curatorial das exposições reunidos no Laboratório de Criação Museográfica (CRIAMUS) - em catálogos, projetos, registros fotográficos por exemplo, bem como entrevistas com agentes que participaram diretamente dos processos criativos. A pesquisa conclui que as exposições curriculares são consideradas relevantes atividades de ensino para a formação do museólogo e a participação dos alunos-curadores no planejamento e execução do núcleo educativo uma oportunidade de exercitar soluções criativas que promovam uma relação interativa dos temas geradores das exposições com a comunidade.

Palavras-chave: Museologia. Exposição curricular. Educação em museus. Ação educativa. Curso de Bacharelado em Museologia/UFRGS.

ABSTRACT

The Working Course Completion set out to investigate the educational dimension of the curriculum exhibitions by the course of Bachelor of Museology at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), identifying the process of creation and execution of their educational proposals. Accordingly examined how the course of UFRGS Museology includes this teaching activity in the training of undergraduate level, comprising this practical exercise as a skill and competence of professional museologist. In conducting the research, to understand this formative process of the student-curators the concepts of Expologia (CURY, 2005), expography (CURY, 2005), exposure (DESVALLÉS; MAIRESSE, 2013) and Education in museums (CURY, 2013; SANTOS, 2002; SANTOS, 2008) contributed to the identification of the planning process and execution of the curatorial project and its educational and cultural developments. The research looked at the first five exhibitions curriculum of the course of Museology at UFRGS, namely: *From the confessional wireless: Landell de Moura, the priest-inventor* (2011); *Facts, legends and myths: views on the imagination of Porto Alegre* (2011); *Toy is serious* (2012); *Alices: Life and Art Scenarios* (2013) and *Aug - black presence in Porto Alegre: a history of resistance* (2015). The methodology of qualitative nature, understood collection of memories about the curatorial process of the exhibits collected in the museum-Creation Laboratory (CRIAMUS) - in catalogs, projects, photographic records for example, as well as interviews with agents who participated directly in the creative process. The research concluded that the curriculum exhibitions are considered relevant teaching activities for the formation of museologist and the participation of student trustees in planning and executing the educational core an opportunity to work out creative solutions that promote an interactive relationship of generating themes of the exhibitions with community.

Key-words: Museology. Curricular Exhibition. Museum Education. Educational Action. Course Bachelor of Museology / UFRGS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Convite da exposição <i>Do confessionário ao wireless: Landell de Moura, o padre-inventor</i>	28
Figura 2	Flyer de divulgação da exposição <i>Fatos, lendas e mitos: olhares sobre o imaginário de Porto Alegre</i>	29
Figura 3	Identidade visual da exposição: <i>Brinquedo é coisa séria</i>	30
Figura 4	Imagem de divulgação em meios eletrônicos da exposição <i>Alices: Cenários de Vida e Arte</i>	32
Figura 5	Flyer de divulgação Exposição AGÔ	33
Figura 6	Divulgação das exposições curriculares do curso de Museologia da UFRGS em meio eletrônico	35
Figura 7	Fotos da montagem da exposição curricular <i>Do confessionário ao wireless: Landell de Moura, o padre-inventor</i> (2011)	40
Figura 8	Núcleos da exposição curricular <i>Fatos, lendas e mitos: olhares sobre o imaginário de Porto Alegre</i> (2011)	44
Figura 9	Imagens da visita teatralizada da exposição <i>Fatos, lendas e mitos: olhares sobre o imaginário de Porto Alegre</i> (2011)	45
Figura 10	Folder Educativo (frente e verso) da exposição <i>Fatos, lendas e mitos: olhares sobre o imaginário de Porto Alegre</i> (2011)	46
Figura 11	Núcleos da exposição curricular <i>Brinquedo é coisa séria</i> (2012)	49
Figura 12	Folder de comunicação frente e verso da exposição <i>Brinquedo é coisa séria</i>	51
Figura 13	Fotos dos núcleos expográficos com recursos interativos e oficina de reciclagem	52
Figura 14	Folder Educativo (frente e verso) da exposição <i>Brinquedo é coisa séria</i>	53
Figura 15	Print Screen do blog da exposição <i>Brinquedo é coisa séria</i> - Aba educativo	54
Figura 16	Mensagens deixadas pelos visitantes no núcleo <i>Qual o gênero do seu brinquedo?</i>	55
Figura 17	Maquete e apresentação dos núcleos expográficos de <i>Alices: Cenários de Vida e Arte</i> (2013)	56
Figura 18	Material de Formação de Professores e Capacitação dos mediadores <i>Alices: Cenários de Vida e Arte</i>	58
Figura 19	Folder educativo (frente e verso) da exposição <i>Alices: Cenários de Vida e Arte</i>	59
Figura 20	Recursos lúdico-pedagógicos da exposição <i>Alices: Cenários de Vida e Arte</i>	60
Figura 21	Obras táteis produzidas para a exposição <i>Alices: Cenários de Vida e Arte</i>	61

Figura 23	Faixa frequentemente usada em <i>AGÔ - Presença Negra em Porto Alegre</i>	62
Figura 24	Núcleos da exposição <i>AGÔ - Presença Negra em Porto Alegre (2015)</i>	64
Figura 25	Semana Acadêmica 2014/2 - exposição <i>AGÔ - Presença Negra em Porto Alegre</i>	65
Figura 26	Programação Semana Acadêmica 2014/2 - <i>Diálogos sobre Identidades e Presenças Negras em Porto Alegre - Uma exposição em construção</i>	65
Figura 27	Ações educativas e recursos expográficos lúdico-educativos da exposição <i>AGÔ - Presença Negra em Porto Alegre</i>	66

SUMÁRIO

1	OS PRIMEIROS PASSOS	14
2	CONHECENDO O CURSO DE MUSEOLOGIA E AS EXPOSIÇÕES CURRICULARES	19
3	A CONCEPÇÃO DA DIMENSÃO EDUCATIVA: INVESTIGANDO AS EXPOSIÇÕES CURRICULARES DA UFRGS	37
4	O INÍCIO DA MEMÓRIA	68
	REFERÊNCIAS	72
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO DA PESSOA COMO SUJEITO E AUTORIZAÇÃO DE USO DA ENTREVISTA	77
	APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES/ MUSEÓLOGO DO CURSO DE MUSEOLOGIA DA UFRGS	78
	APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA ALUNOS-CURADORES DE MUSEOLOGIA UFRGS	79

1 OS PRIMEIROS PASSOS

Toda trajetória acadêmica nos traz experiências, conhecimentos e, acima de tudo, questionamentos. Somos testados e testamos nossas próprias convicções. Comigo não haveria de ser diferente, a universidade ampliou horizontes antes nunca pensados, trazendo uma gama de novas experiências que ficarão por toda vida marcadas em minha pessoa.

Na graduação anterior de História, não concluída por diversos fatores, apontava uma afeição pessoal minha sobre o universo da Educação e seus desdobramentos com o homem, suas trajetórias e como se articulava para traçar novos rumos e atingir seus objetivos. Quando escolhi continuar meus estudos acadêmicos optei pela Museologia, e realmente não pensava que esta escolha pudesse se mostrar tão envolvente e apaixonante.

Como a maioria dos recém-chegados em todo curso de graduação, comecei a minha jornada acadêmica como monitora em EAD (educação à distância) na plataforma *MOODLE*. Ao ter contato com os textos mais utilizados naquele momento por diversos professores, o que me fez conhecer os autores da Museologia, observei de que maneira a informação pode gerar conhecimento e como a Educação, com ações diversas, entra neste contexto. Posteriormente obtive uma Bolsa CNPq com a Profa. Dra. Zita Possamai, o que me direcionou no âmbito da pesquisa e trouxe uma (pré) maturidade nos conceitos sobre História, Oralidade, Memória, Patrimônio e Educação. Essa experiência ampliou consideravelmente o universo da Museologia ao qual eu estava me aventurando.

Num segundo momento da minha jornada na graduação, fui indicada para ser bolsista no Projeto de Extensão no Programa *Lomba do Pinheiro Memória, Informação e Cidadania*, nos anos de 2013 e 2014, coordenado pelos professores Dra. Ana Maria Dalla Zen e Me. Eráclito Pereira, respectivamente. Projeto voltado para a comunidade, neste período o meu interesse em Educação no âmbito da Museologia foi despertado, tomando um conhecimento mais atento sobre os conceitos de Ação Educativa, Educação não formal, Musealidade, Museu Comunitário, Pedagogia do Patrimônio e Exposição. Continuando no âmbito de ações comunitárias, em 2014 participei do Projeto de Extensão *Ilha da Pintada: Mulheres, Trabalho e Desenvolvimento Sustentável*. As duas experiências levaram-me a escrever sobre o assunto, indo a encontros e congressos que proporcionaram uma rica troca de saberes.

As vivências citadas acima possibilitaram ter contato com diferentes experiências em estados brasileiros e países latinos. Nas oportunidades sempre busquei visitar exposições a

fim de estudar técnicas e formatos, compreendendo que são espaços potenciais para ter contato com culturas e debates contemporâneos. Toda vez que visitava exposições, em qualquer lugar que fosse, me perguntava a maneira que ela foi pensada para além do primeiro olhar do visitante, na forma que visava os públicos mais diversos e como a equipe que é responsável por essas ações interagia com todos os núcleos da exposição.

Minhas inquietações ganharam fôlego a partir das disciplinas *BIB03212 - Expografia*, *BIB03215 - Projeto de Curadoria Expográfica* e *BIB03217 - Prática de Exposições Museológicas*, entre o quinto e o sétimo semestre atuais da graduação, pois passamos pela experiência da concepção da exposição curricular - como nasce uma exposição, suas ideias iniciais, a trajetória de montagem, quando ela está aberta ao público os desafios que apresenta e o processo de desmontagem, a avaliação final. Enfim, uma experiência muito intensa.

A exposição curricular da qual participei foi *Alices: Cenários de Vida e Arte* (2013), que tinha por proposta contar a trajetória de duas artistas plásticas do Rio Grande do Sul. A exposição curricular é uma atividade de ensino, portanto, sua curadoria é compartilhada entre os graduandos vinculados ao projeto expográfico - no caso da exposição citada, dezenove estudantes. Abordamos nela três núcleos: *Ensino, Estudos e Esboços; Ateliê e Profissionalização*. Para concepção, montagem e execução dividimo-nos conforme a preferência de cada um. Somada às experiências diversas que vivi na graduação, optei pelo núcleo do educativo, das ações que seriam pensadas e colocadas em prática para o público que viesse a visitar a exposição. Sendo uma atividade promovida pelo Curso, a escolha que fiz aprimorou o entendimento sobre a Educação dentro do ambiente museu.

A experiência da exposição curricular vivida me levou a problematizar a importância dela na formação do futuro museólogo, e tendo como objeto de estudo as exposições curriculares promovidas pelo curso de Museologia da UFRGS foi despertado o interesse de investigar a dimensão educativa manifestada nessas experiências conjuntas dos alunos do Curso.

Os cursos de Museologia do país ainda passam por profundas transformações curriculares que se originam de questões elaboradas tanto no campo do saber fazer, como no cotidiano da universidade em que estão inseridos. Uma breve investigação mostrou que, independente do formato dos currículos, os cursos de Museologia possuem disciplinas que enfocam a área expográfica, o que gera na maioria dos cursos uma nova exposição curricular a cada ciclo de formação. A elaboração da exposição curricular reúne os questionamentos e debates de outras disciplinas do Curso, bem como contempla exercícios de gestão - concepção

de missão, visão, objetivos. Todos esses questionamentos se mostram evidenciados no resultado final do processo expositivo, em especial nas ações educativas.

Essas tecituras levam ao presente trabalho aqui apresentado, desenvolvido na perspectiva de uma investigação e difusão do conhecimento sobre as exposições curriculares do curso de Museologia da UFRGS, evidenciando como recorte as ações educativas desenvolvidas em cada uma das exposições, inspiração vinda das minhas experiências pessoais obtidas no decorrer do Curso.

A exposição curricular nos faz pensar, elaborar e exercitar todos os aprendizados somados ao longo da graduação. Um dos exercícios finais, temos a teoria posta em prática e a interdisciplinaridade tão comentada em aula é colocada à prova durante a concepção da exposição. Qual a efetiva contribuição das exposições curriculares para a formação do museólogo? Ao ter as exposições curriculares da UFRGS como objeto de estudo, é possível considerar todo o projeto expográfico como uma ação educativa? As turmas que trabalharam nas exposições curriculares pensaram em núcleo educativo? As ações propostas no projeto se viabilizaram? Pensar sobre essas questões passou a ser um exercício prazeroso para mim enquanto desenvolvia este trabalho de conclusão de curso.

O objetivo geral do trabalho configura-se em pesquisar a dimensão educativa das exposições curriculares realizadas na UFRGS, e se houve uma efetiva realização das ações educativas pensadas durante a concepção da exposição. Como objetivos específicos, citam-se:

- a) Identificar como os cursos de Museologia em vigência contemplam a atividade de ensino exposição curricular e apresentar como se dá esse processo formativo no curso de Museologia da UFRGS;
- b) Buscar e investigar a dimensão educativa em cada exposição curricular realizada pelos discentes vinculados ao curso de Museologia da UFRGS;
- c) Analisar como as ações educativas das exposições curriculares da UFRGS foram idealizadas, bem como se essas foram postas em práticas no decorrer da realização da exposição.

Até a execução do presente trabalho foram realizadas cinco exposições curriculares: a exposição *Do confessionário ao wireless: Landell de Moura, o padre-inventor* (2011), elaborada pela primeira turma de formandos do Curso, apresentou a vida e obra do Padre

Roberto Landell de Moura, um indivíduo a frente de seu tempo. Ainda em 2011 foi aberta ao público a exposição *Fatos, Lendas e Mitos: olhares sobre o imaginário de Porto Alegre*. A proposta era narrar como fatos ocorridos na cidade de Porto Alegre entre o final do século XIX e meados do século XX tornaram-se pelo imaginário dos porto-alegrenses lendas urbanas e mitos, apresentando como enfoque três histórias: os crimes da Rua do Arvoredo, a Maria Degolada e a Prisioneira do Castelinho do Alto da Bronze.

Brinquedo é coisa séria (2012) foi a terceira das exposições, trazia como proposta sensibilizar o público quanto às imposições existentes no cotidiano infantil, discutindo o brinquedo e seu papel na construção da identidade: existe brinquedo só para meninos e só para meninas? Em 2013 foi inaugurada a exposição curricular *Alices: Cenários de Vida e Arte*, exposição que trouxe cenas do cotidiano de duas mulheres artistas, Alice Brueggemann e Alice Soares, que através dos anos se consolidaram no cenário das Artes no Rio Grande do Sul. Este ano, 2015, foi aberta ao público a exposição *AGÔ - presença negra em Porto Alegre: uma trajetória de resistência*, que buscou dar visibilidade à cultura negra vinculada à história de Porto Alegre.

Durante as aulas e as minhas idas a campo nas bolsas de extensão sempre nos foi relatado a importância da memória, para traçar a trajetória do lugar, da comunidade e a partir desse ponto buscar como demonstrar a importância do trabalho ali realizado. Com as exposições curriculares na Museologia não seria diferente. Cinco exposições curriculares foram realizadas e ainda nenhum estudo de fôlego sobre o conjunto e a memória do Curso em relação ao tema foi elaborado, em especial a análise da dimensão educativa presente na construção desses exercícios de curadoria expográfica. Proponho-me aqui a elaborar este primeiro trabalho para que no futuro possam existir outros feitos a fim de preservar e sempre reviver a memória do curso de Museologia, nesse caso através das exposições curriculares.

A pesquisa, de abordagem qualitativa - descritiva, se realizou através de análise documental, entrevistas por endereço eletrônico, visitas ao Laboratório de Criação Museográfica (CRIAMUS), acesso a *sites*, *blogs* e perfis do *Facebook* das exposições. Foram elaborados dois roteiros de entrevistas para os diferentes agentes identificados no processo de criação das exposições curriculares (Apêndices B e C). Formulados pela autora, os roteiros previam tanto uma visão ampla da relação do profissional museólogo com atividade de ensino, como um direcionamento específico de suas experiências particulares e desdobramentos no itinerário profissional. Desse modo, nos capítulos que seguem serão

apresentados os resultados da análise sobre o assunto, com relatos sobre o caminho investigativo seguido.

A pesquisa encontra-se estruturada em quatro capítulos. Após a Introdução - *Primeiros Passos*, o capítulo intitulado *Conhecendo o curso de Museologia e as exposições curriculares* visa identificar como a atividade de ensino exposição curricular apresenta-se nos cursos de Museologia no Brasil, bem como aprofundar as habilidades e competências do profissional por meio dessa ação formativa, tendo como objeto de estudo o curso de Museologia da UFRGS.

O capítulo *A concepção da dimensão educativa: investigando as exposições curriculares da UFRGS*, elucida o itinerário da exposição curricular no curso de Museologia da UFRGS: as expectativas em torno das disciplinas que geram a exposição e toda a atmosfera sobre o exercício da exposição curricular. Mostra as particularidades de se trabalhar em grupo e trabalhar com as instituições que sedem o espaço para se realizar a exposição curricular. A interdisciplinaridade dessa atividade de ensino será aprofundada por meio das ações educativas propostas e as que efetivamente se realizaram investigando, em especial, as soluções de cada projeto.

Nas considerações finais, capítulo intitulado *O Início da Memória*, são apresentadas as reflexões do processo de pesquisa, evidenciando que este trabalho pode ser apenas o primeiro de muitos que contará as vivências do curso de Museologia da UFRGS a partir das exposições curriculares. A exposição curricular é um momento em que os futuros museólogos se aproximam da comunidade e, pelas ações educativas promovidas, interagem de forma enérgica com o público, possibilitando concretizar pela vivência os múltiplos debates construídos ao longo do Curso sobre Memória, Identidade, Preservação e Cidadania. Esse é um exercício que cabe ser investigado pelo desafio instigante que é proposto ao graduando em formação: unir ensino, extensão e pesquisa em prol da comunidade, reflexo da missão do curso de Museologia.

2 CONHECENDO O CURSO DE MUSEOLOGIA E AS EXPOSIÇÕES CURRICULARES

O presente capítulo pretende identificar no ensino da Museologia no Brasil o processo de aprendizagem das temáticas Expologia¹ e Expografia², compreendendo a concepção curatorial de exposições como uma habilidade e competência do profissional museólogo. Nesse trabalho, entende-se por exposições “[...] tanto o resultado da ação de expor, quanto o conjunto daquilo que é exposto e o lugar onde se expõe” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p.42).

A formação em Museologia, em perspectiva mundial, ocorre em nível de pós-graduação. O Brasil é o único país, até o presente momento, que possui como opção de formação do profissional a graduação. Nesse contexto a formação iniciou-se com o Curso de Museus, idealizado desde a fundação do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, em 1922, mas implementado somente uma década depois, mais precisamente em 1932 (SÁ, 2014). Naquele momento, o saber museológico se aproximava do que atualmente a Museologia entende por Museografia, “[...] definida como a figura prática ou aplicada da museologia, isto é, o conjunto de técnicas desenvolvidas para preencher as funções museais, e particularmente aquilo que concerne à administração do museu, à conservação, à restauração, à segurança e à exposição” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p.58).

O Curso de Museus iniciou com dois anos de formação e, ao longo das décadas, com mandato universitário foi sendo moldado nos padrões de uma graduação, com previsão de conclusão de quatro anos (SÁ; SIQUEIRA, 2007). Interessante observar que a montagem de exposições é um aprendizado que percorreu toda a formação dos conservadores de museus, título atribuído aos diplomados desse Curso, através das disciplinas *Técnica em Museus*.

As disciplinas intituladas *Técnica em Museus* foram concebidas pelo idealizador e fundador do Museu Histórico Nacional, Gustavo Barroso. Segundo Barroso (1955) a partir dos estudos realizados individualmente ele desenvolvia conteúdo específico para a

¹ Segundo Cury (2005, p.27) “Expologia, como parte da Museologia, estuda a teoria da exposição (DESVALLÉES, 1998) e envolve os princípios museológicos, comunicacionais e educacionais de uma exposição, é a sal base fundante”.

² Para Cury (2005, p.27) Expografia “[...] como parte da Museografia, ‘visa a pesquisa de uma linguagem e de uma expressão fiel na tradução de programas científicos de uma exposição’ (DESVALLÉES, 1998, p.221), é a forma da exposição de acordo com os princípios expológicos e abrange os aspectos de planejamento metodológicos e técnicos para o desenvolvimento da concepção e materialização da forma”.

necessidade dos museus brasileiros, a fim de capacitar profissionais especializados que identificassem e classificassem as coleções dos museus. O próprio autor salientava: “Não é possível classificar o que não se conhece” (BARROSO, 1955, p.192). E, sem classificação, era inviável sua apresentação. A fim de tornar didático o aprendizado nas disciplinas Barroso (1955) esquematizou o conteúdo ministrado:

Quadro 1

Distribuição do conteúdo da disciplina Técnica de Museus

CURSO DE MUSEUS - DISCIPLINA TÉCNICA DE MUSEUS		
<i>Série</i>	<i>Organização</i>	<i>Conteúdo/ Noções de</i>
1º ano	Parte Geral	Organização de museus Arrumação de museus Classificação de objetos Catalogação de objetos Restauração de objetos e monumentos (princípios gerais)
2º ano	Parte Básica	Cronologia Epigrafia Paleografia Diplomática Bibliografia Iconografia
3º ano	Parte Especializada	Heráldica Bandeiras Condecorações Armaria Arte Naval Viaturas Arquitetura Mobiliário Indumentária Cerâmica e cristais Ourivesaria, prataria e bronzes de arte Instrumentos de suplício Mecanismos

Fonte: BARROSO, 1955, p.194-195. Grifo meu.

As disciplinas *Técnica em Museus* estiveram presentes em todas as reformas curriculares do Curso de Museus, sendo absorvida por súmulas de outras disciplinas quando é vinculado à Federação das Escolas Federais Isoladas do Rio de Janeiro - FEFIERJ, atual Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO. Quando o Curso de Museus ainda era instalado no Museu Histórico Nacional chegou a ser ministrada nos três anos de formação da profissão pelo professor Gustavo Barroso: no primeiro ano o conteúdo se referia à parte geral dos museus; no segundo conhecimentos básicos; e no último ano, onde os formandos escolhiam as especialidades, eram ministrados assuntos aplicados (SIQUEIRA, 2009). Segundo Faria (2013, p.135-136):

A parte geral - relativa à primeira série - previa apresentar os serviços dos museus aplicados a qualquer instituição, envolvendo conteúdos de organização e arrumação, por exemplo. Na segunda série, a parte básica tinha por proposta trabalhar noções que contribuíssem para o preparo técnico do conservador de museus, com ênfase em ciências como cronologia, epigrafia, iconografia. Na última série, ambas as especializações ofertadas tinham a disciplina como obrigatória, com o objetivo de ensinar ao estudante a aplicação teórica, pormenorizada, da classificação de acervos.

Em 1946 e 1947 Gustavo Barroso publicou dois volumes do livro *Introdução à Técnica de Museus*, respectivamente. O primeiro volume foi financiado pelo Ministério da Educação e Saúde, envolvendo os temas dos dois primeiros anos da formação de conservador de museus - Geral e Básica (BARROSO, 1951). O segundo volume, impresso pelo Ministério da Educação e Cultura, congregava os assuntos relativos ao conhecimento aplicado do Curso de Museus (BARROSO, 1953).

A parte geral da técnica de museus era compreendida em quatro fatores: organização, arrumação, catalogação, e restauração de monumentos e objetos. Ao que se referia à temática expográfica, mais especificamente o que denominou de arrumação, o autor salientava que os elementos que compõem uma exposição devem ser previamente planejados, como vitrines, paredes, iluminação, disposição dos objetos, pés direitos, por exemplo, pois, segundo o autor, “[...] procura-se ao mesmo tempo emocioná-lo [o visitante] e educá-lo, de modo que seu passeio através das coleções expostas seja o mais frutuoso possível no sentido moral e intelectual” (BARROSO, 1951, p.52).

O Curso de Museus, através dessa disciplina, reforçava que o acúmulo de objetos nas exposições destruiria o valor pedagógico dos objetos e, nesse sentido, sete ensinamentos eram pontuados para a elaboração de uma boa exposição para o público: efeito estético dos próprios objetos; efeito estético de sua colocação; facilidade de visão e exame do público; boa

e clara etiquetagem; proteção dos objetos contra as intempéries; defesa dos mesmos contra descuidos dos visitantes e roubos; preferência dos melhoramentos graduais sobre as reformas subversivas (BARROSO, 1951). Esses aprendizados começaram a ser colocados em prática antes mesmo da formação dos profissionais por meio de exercícios que envolviam os discentes.

De acordo com Siqueira (2009) as primeiras evidências de exposições elaboradas por estudantes do Curso de Museus têm como ano de registro 1964, referente ao centenário do artista Antônio Parreiras, título conferido à exposição e, em homenagem aos 150 anos da morte de Aleijadinho, foi planejada a exposição “1ª Mostra de Artes Plásticas”. Segundo Sá (2007) as exposições tornam-se atividades experimentais em 1973. Com a incorporação do Curso de Museus no ambiente universitário a exposição curricular teve sua efetiva implementação na grade curricular. Siqueira (2009, p.47) cita:

No final da década de 1970, quando o curso ingressava efetivamente no âmbito universitário, foram implantadas as exposições curriculares, com o objetivo de modernizar e investir na capacitação profissional do futuro museólogo e criado o Laboratório de Desenvolvimento de Exposições - LADEX.

Quando o Curso ingressa efetivamente no âmbito universitário o conhecimento museológico é ainda mais aprimorado. Antigos conceitos, como o de exposição, passam a ser aprofundados reforçando o compromisso da Museologia e de seus desdobramentos. Um dos conceitos mais debatidos nos estudos brasileiros, na contemporaneidade, por exemplo, é o de fato museal: “[...] relação profunda entre o homem, sujeito conhecedor, e o objeto, parte da realidade à qual o homem igualmente pertence e sobre a qual tem poder de agir” (GUARNIERI, 1983 [2010], pág. 127).

Esta relação do homem com o objeto nos remete às exposições e como o museu pode estimular reflexões a partir do patrimônio cultural, uma interação que promove o conhecimento museológico. Para Guarnieri (1986a [2010]) o museólogo não é apenas um conhecedor do objeto, mas um conhecedor do objetual, do humano e social:

O conhecimento museológico ocupa-se da realidade e da história, aí compreendido um conhecimento não apenas racional e sistemático, mas também prático, no qual a prática e a razão se constroem num processo de interdependência, reciprocidade, conexão e coerência. (GUARNIERI, 1983 [2010], pág. 129)

No Brasil, a profissão de museólogo é regulamentada. A Lei 7287/1984, que dispõe sobre a profissão de museólogo, no seu inciso II do Art.3º declara que são competências do profissional “*planejar, organizar, administrar, dirigir e supervisionar os museus, as exposições de caráter educativo e cultural, os serviços educativos e atividades culturais dos museus e de instituições afins*” (BRASIL, 1984, doc. eletr. Grifo meu). Para essa atribuição os cursos de Museologia reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC) trabalham para o aprimoramento das competências e habilidades do profissional, contemplando o exercício prático, mas, especialmente, a formação crítica e cidadã. Entre elas, relacionadas à temática das exposições, citam-se:

- Gerar produtos a partir dos conhecimentos adquiridos e divulgá-los;
- Traduzir as necessidades de indivíduos, grupos e comunidades nas respectivas áreas de atuação;
- Responder a demandas de informação determinadas pelas transformações que caracterizam o mundo contemporâneo;
- Compreender o Museu como fenômeno que se expressa sob diferentes formas, consoante sistemas de pensamento e códigos sociais;
- Interpretar as relações entre homem, cultura e natureza, no contexto temporal e espacial;
- Intervir, de forma responsável, nos processos de identificação, musealização, preservação e uso do patrimônio, entendido como representação da atividade humana no tempo e no espaço;
- Planejar e desenvolver exposições e programas educativos e culturais (BRASIL, 2001, p.37).

A exposição curricular tornou-se uma atividade de ensino singular nos cursos de Museologia, presente na maioria das graduações em exercício no Brasil. Ao buscar mapear esses cursos, observou-se a recorrência de duas ou três disciplinas que abordam o tema Expologia/ Expografia: no primeiro caso, uma disciplina sobre a elaboração de um projeto de curadoria expográfica correlacionado à teoria e na sequência sua execução³. No segundo caso a primeira disciplina é de cunho teórico-metodológico; a disciplina intermediária prevê a concepção da exposição curricular e a terceira efetiva a montagem, abertura e desmontagem do processo expográfico⁴. Ocorre também na maioria dos currículos universitários a tentativa

³ A exemplo dos cursos de bacharelado em Museologia da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

⁴ A exemplo dos cursos de bacharelado em Museologia da UNIBAVE (Centro Universitário barriga Verde) e UFBA (Universidade Federal da Bahia).

de capacitar o aluno-profissional para essa experiência da teoria à prática, quando paralelamente com as disciplinas encarregadas da exposição se apresentam disciplinas de Comunicação Museológica, Gestão (de acervos e setores administrativos dos museus), além de alguns casos terem disciplinas de *Design*.

O curso de Museologia da UFRGS, criado em 2008, possui três disciplinas que trabalham em conjunto as temáticas Expologia e Expografia, culminando no exercício da concepção curatorial de uma exposição curricular. Em vigência desde a criação do Curso, elas englobam das questões técnicas aos debates conceituais de uma exposição. Mesmo com a reforma curricular que o Curso passou em 2014 as três disciplinas obrigatórias se mantiveram em cadeia, sendo um pré-requisito da subsequente.

A primeira das três disciplinas obrigatórias, intitulada *BIB03212 - Expografia*, é atualmente ministrada na quinta etapa da graduação, tendo como pré-requisito a disciplina *BIB03209 - Gestão em Museus*. Sua súmula contempla “Elementos constituintes das exposições. Metodologias e técnicas. Teoria e prática de design expográfico” (UFRGS, 2015a, doc. eletr.). A disciplina tem caráter teórico-metodológico, explorando os conceitos e recursos relacionados à temática Expologia/ Expografia, onde são nos apresentados exemplos de exposições, inclusive através de saídas de campo. Lembro que quando cursei a disciplina ocorreu visita técnica na Fundação Vera Chaves Barcelos. Conceitos são construídos, questionados e desconstruídos através de debates em sala de aula, na intenção de visualizarmos a exposição do começo ao fim.

A disciplina *BIB03215 - Projeto de Curadoria Expográfica* é ofertada na sexta etapa do Curso, se propondo a iniciar coletivamente um projeto de curadoria expográfica, de autoria dos futuros bacharéis em Museologia. Sua súmula contempla o “Processamento e programação de exposições e elaboração de projeto expográfico” (UFRGS, 2015a, doc. eletr.). Segundo o ementário do Curso, essa disciplina envolve, além dos graduandos e professor ministrante, diversos profissionais que contribuem para o planejamento expográfico concebido pela turma, como o museólogo do Curso e convidados que pesquisam os temas e conceitos geradores (UFRGS, 2015b). A questão nesse caso se trata sobre o projeto a ser desenvolvido em conjunto com o recém formado grupo de alunos-curadores. Uma importante disciplina que contribui como ponto de partida para a elaboração do projeto de curadoria é a *BIB03060 - Metodologia Da Pesquisa Aplicada Às Ciências Da Informação*, estimulando a interdisciplinaridade e associando os conhecimentos adquiridos durante o Curso.

Após a concepção do projeto de exposição curricular, o estudante inicia o processo aplicado das práticas expográficas por meio da disciplina *BIB03217 - Prática de Exposições Museológicas*. A atividade de ensino ocorre na sétima etapa da graduação, tendo por súmula “Aplicação de projeto expográfico: montagem, desenvolvimento e avaliação” (UFRGS, 2015a, doc. eletr). Essa experiência possui um alto potencial de extensão, inicialmente planejada na concepção do projeto da exposição curricular, “[...] prevendo parcerias com os demais alunos do Curso de Museologia e dos outros Cursos da UFRGS, o próprio Museu da UFRGS e a comunidade. Visando assim, um melhor aproveitamento e envolvimento dos alunos com o ensino, a pesquisa e a extensão” (UFRGS, 2015b, p.72). Essas parcerias potencializam a interdisciplinaridade da formação, considerado por Guarnieri (1983 [2010], pág.134) o método da Museologia: “[...] [A] interdisciplinaridade permite a constante interação, o processo que leva a um caminho próprio para a pesquisa e a operação do raciocínio, bem como à ação museológica, considerada como um todo sistematizado”. Nesse caso, após o tema escolhido para a exposição curricular, se inicia através de múltiplas parceiras a montagem da exposição, evidenciando a relação entre alunos-curadores, graduandos de outros cursos, e apoiadores que viabilizam a execução da exposição. Sua desmontagem e avaliação fecham um ciclo rico em experiências extraclasse.

Para compreender o processo didático e a formação do profissional museólogo no curso de Museologia da UFRGS professores que ministraram as referidas disciplinas no período de 2009 a 2015, bem como o técnico-administrativo/museólogo do curso de Museologia que participou de todas as exposições curriculares, foram consultados por meio de entrevistas eletrônicas a fim de refletir sobre a importância do tema e do processo formativo proposto.

Um dos primeiros questionamentos referiu-se a importância de um curso de Museologia da UFRGS possuir em sua grade curricular uma atividade de ensino como as exposições curriculares, uma proposta singular dessas graduações. Segundo a professora Vanessa Barroso Teixeira (2015):

É fundamental que exista na grade curricular dos Cursos de Bacharelado em Museologia disciplinas voltadas para o planejamento, execução e avaliação de uma exposição curricular. É um momento único na trajetória do estudante que está na graduação, afinal, uma disciplina voltada para a elaboração de uma exposição curricular exige do aluno um conhecimento em diversas disciplinas específicas da Museologia, além de um trabalho intenso de pesquisa, de tomada de decisões coletivas e do exercício constante de criatividade ao longo de todo o processo. Penso que um dos pontos relevantes desse processo seja envolver o aluno, de alguma

forma, no ensino, na pesquisa e na extensão, que é o compromisso social das universidades (TEIXEIRA, 2015, doc. eletr).

As professoras Zita Rosane Possamai e Marlise Maria Giovanaz reforçam a importância dessa atividade de ensino em dois vieses: o primeiro a importância da experiência para a vida profissional do museólogo, pois é o momento da graduação que ocorre a maior proximidade entre teoria e prática museológica; o segundo viés é o destaque da troca de saberes e ideias tanto entre os futuros curadores da exposição curricular com profissionais de outras áreas que tangenciam a proposta, incluindo estudantes de outras graduações.

[...] não consigo imaginar um curso de museologia sem contemplar essa atividade curricular, pois isso significaria uma lacuna muito grande na própria definição do que seja um museu, ancorada no tripé pesquisa, conservação e comunicação (POSSAMAI, 2015, doc. eletr.).

Considero de relevância extrema, são um dos pilares da formação do profissional museólogo, possivelmente seja este um aprendizado muito além da própria materialidade da exposição, mas uma experiência do trabalho em conjunto, da negociação de ideias e da promoção de atividades, que prepara o aluno para a vida profissional (GIOVANAZ, 2015, doc. eletr.).

No que tange às disciplinas ministradas no curso de Museologia da UFRGS todos os entrevistados reforçam a interação e dinamicidade entre as disciplinas, destacando características como o exercício teórico-metodológico continuamente crítico e reflexivo sobre o tema selecionado e a cultura material envolvida. Guarnieri (1986b [2010], pág.143) quando se refere ao tema exposições salienta que sua concepção envolve relações, testemunhos e representações: “Não estamos falando nem de museus, nem de profissionais, nem de objetos ou exposições neutros ou inocentes; falamos de pessoas e coisas ligadas à vida, carregadas de intenções e significados, de mensagens e profecias, de realidade e utopia”. Outro destaque é o caráter experimental da prática desenvolvida, bem como o exercício dialogado, promovendo uma curadoria compartilhada que ultrapasse a técnica e estimule um processo museológico voltado para o sujeito:

O processo museológico é compreendido como ação que se transforma, resultado da ação e da reflexão dos sujeitos sociais em determinado contexto, passível de ser repensado, modificado e adaptado em interação, contribuindo para a construção e reconstrução do mundo. (SANTOS, 2008, p. 153)

Para essa vivência todas as disciplinas tornam-se parte da experiência promovida pela exposição curricular, tanto no dimensionamento de ideias como nas aplicações teórico-metodológicas. As disciplinas vinculadas ao *eixo 1. Estudos Filosóficos Sociais e Históricos* (BRASIL, 2001) tratam de temáticas referentes ao patrimônio, memória, cidadania, identidade e História, contribuindo na construção narrativa da exposição: “[...] uma exposição é um discurso e, portanto, pode assumir caráter narrativo, descritivo, interpretativo ou explicativo; sendo discurso, pode ser predominantemente científica, estética ou poética” (GUARNIERI, 1986b [2010], pág.139). As disciplinas do *eixo 2. Museologia: Teoria, Metodologia e Prática* (BRASIL, 2001) auxiliam nas práticas vinculadas ao exercício da exposição, a exemplo de ações educativas, documentação museológica e estudo de público: “[...] a exposição diz, afirma; informa, comunica; registra, questiona. Uma exposição estabelece e subverte” (GUARNIERI, 1986b [2010], pág.139). A articulação das disciplinas no processo expográfico é salientado nas entrevistas:

O diálogo com as demais disciplinas do currículo do Curso é fundamental. Sem a realização de disciplinas basilares da formação obrigatória do Museólogo, como, por exemplo: Documentação Museológica, Conservação, Teoria Museológica, Expografia e Gestão, para citar algumas, seria muito mais difícil para os alunos (e para o professor orientador da exposição curricular) a compreensão e o desenvolvimento de todo o processo de construção expográfica para a exposição curricular. Sem esta base, faltariam conhecimentos específicos do campo museológico que balizam diversas tomadas de decisão ao longo do processo curatorial da exposição. Acredito que este diálogo deva sempre acontecer (TEIXEIRA, 2015, doc. eletr).

Até o presente momento é possível observar um comportamento comum entre as exposições curriculares: a fim de dinamizar os estudantes sempre se organizam em eixos temáticos que refletem a ação museográfica, entre tais educativo, comunicação, acessibilidade, documentação. Mesmo tendo essas divisões todas as decisões são realizadas com todo o grupo da exposição, evidenciando o exercício da gestão. Essas abordagens demonstram como a exposição atravessa os diversos conhecimentos construídos ao longo do curso (MACHADO, 2015, doc. eletr).

Até o presente momento cinco exposições curriculares foram realizadas pelos estudantes do curso de Museologia da UFRGS. Elas envolveram diferentes temáticas, acervos e espaços culturais, estimulando a criatividade, autonomia e construção coletiva dos futuros curadores, bem como aprimoraram as habilidades e competência do profissional. A principal característica dessas exposições é o trabalho em equipe:

O trabalho em equipe é a regra de ouro que assegura os objetivos iniciais com clara delimitação de responsabilidades. A presença do curador na medida justa, em todas as áreas e seções que participam da organização de uma exposição, permite uma avaliação continuada da realidade das fases e um diagnóstico por etapas que irá apontando para a realização dos objetivos e fins predeterminados no projeto expositivo inicial (GUZMÁN, 2012, *apud* TEIXEIRA; FARIA; MACHADO, 2015, p.6).

A exposição curricular assinada pelos estudantes da primeira turma do curso de Museologia da UFRGS, foi intitulada *Do confessorário ao wireless: Landell de Moura, o padre-inventor* (Figura 1). Prevista para 2010, sua realização se deu entre os dias 17 a 27 de maio de 2011 na Sala Múltiplos Usos do Memorial do Rio Grande do Sul, tendo como professora ministrante a Me. Marlise Maria Giovanaz, com acompanhamento do museólogo Elias Machado. Cabe salientar que este participou das cinco exposições curriculares elaboradas pelos alunos do Curso.

A exposição curricular culminou com o sesquicentenário do nascimento do Padre Roberto Landell de Moura, pioneiro na transmissão da voz humana com aparelho sem fio através da condução de ondas eletromagnéticas. A proposta da exposição curricular era destacar e divulgar “[...] a vida e obra do padre-cientista, [...] [debatendo sua] importância e pioneirismo nas comunicações” (MURATORE, *et all.*, 2011, p.5). Sua identidade visual fazia um jogo de imagens do Padre Landell, além de trazer as parcerias que tornaram a exposição possível.

Figura 1

Convite da exposição *Do confessorário ao wireless: Landell de Moura, o padre-inventor*

Do Confessionário ao Wireless
Landell de Moura, o padre-inventor

De 17 a 27 de maio de 2011

Visitação: de terça a sexta-feira, das 10 às 18 horas e
sábado, das 10 às 17 horas
Local: Memorial do Rio Grande do Sul -
Sala de Múltiplos Usos
Endereço: Rua Sete de Setembro, 1075 - Centro Histórico
Porto Alegre (RS)

Realização

UFRGS PROEXT UFRGS FABICO

Apoio

DMAE MUSEU UFRGS

Fonte: Disponível em: < <https://coisademuseu.files.wordpress.com/2011/05/conveultimaversc3a3o.jpg>>. Acesso em: nov/2015.

A segunda turma a realizar o exercício de exposição curricular permeou o imaginário do público visitante com o título de *Fatos, lendas e mitos: olhares sobre o imaginário de Porto Alegre* (Figura 2). Ocorrida entre 08 a 21 de novembro de 2011, no Palácio Memorial do Ministério Público (Forte Apache), a concepção e montagem da exposição curricular foi acompanhado pela professora Me. Ana Carolina Gelmini de Faria.

A exposição apresentou a transformação da cidade Porto Alegre no final do século XIX e meados do século XX e, com ela, fatos reais que se tornaram identidade da cidade. Sua proposta foi a narração dos crimes da Rua do Arvoredo, a Maria Degolada e a Prisioneira do Castelinho do Alto da Bronze, ocorridos na cidade de Porto Alegre que com o passar do tempo tornaram-se lendas urbanas no imaginário das pessoas, como sinalizado no projeto de curadoria elaborado pela turma:

O trabalho tem a proposta de analisar como a cidade de Porto Alegre é formada em função das apropriações que seus habitantes têm de fatos, mitos e lendas, criando representações dessas, constituindo o Imaginário Social da cidade. [...] Assim, o tema dessa exposição busca remexer com o imaginário da comunidade porto-alegrense quanto a esses crimes que ainda permanecem na imaginação de todos, buscando a reflexão e o questionamento quanto à formação de nossas representações como partes integrantes da história da cidade (TURMA 2009/1, 2011, p.7)

Figura 2

Flyer de divulgação da exposição *Fatos, lendas e mitos: olhares sobre o imaginário de Porto Alegre*



Fonte: Disponível em: <<https://fatoslendasemitos.files.wordpress.com/2011/09/flyer.jpg>>. Acesso em: nov/2015.

A terceira exposição curricular, ocorrida entre 20 de novembro a 1º de dezembro de 2012, retornou à Sala Múltiplos Usos do Memorial do Rio Grande do Sul. Essa edição também contou com a Profª Me. Ana Carolina Gelmini de Faria como responsável pelo grupo

de alunos-curadores, e temos a figura do museólogo da UFRGS, Elias Machado, no amparo de todas as questões sobre a concepção da exposição curricular.

A exposição intitulava-se *Brinquedo é coisa séria* (Figura 3), com viés voltado à sensibilização do público sobre as influências existentes no dia-a-dia da criança, que por meio de brinquedos e brincadeiras descobrem ou são induzidas às funções sociais do sujeito pré-estabelecidas culturalmente, mostrando que a questão de gênero deve ser discutida na sociedade:

A Exposição “Brinquedo é coisa séria” será dirigida ao público juvenil e adulto, com formação média e superior, visto que o enfoque conceitual aborda a temática dos brinquedos com ênfase às questões de gênero, trazendo questões altamente relevantes à sociedade em que vivemos. A Exposição será dividida em três módulos. O primeiro módulo será denominado “Representações do Brincar”, o segundo “Qual o gênero do seu brinquedo” e, por fim, “Brincando com o Gênero”. [...] Uma vez que é brincando que a criança descobre os papéis de cada indivíduo na sociedade, a exposição possibilitará, junto aos pais, professores, pedagogos, psicólogos e demais pessoas interessadas nas possibilidades cognitivas que o brinquedo oferece, uma reflexão acerca da intervenção dos brinquedos na construção das identidades infantis, uma vez que estes objetos, aparentemente apenas lúdicos, induzem os indivíduos, desde a infância, às funções e comportamentos que a sociedade atribui a cada gênero (TURMA 2010/1, 2012, p.3;6).

Figura 3

Identidade visual da exposição: *Brinquedo é coisa séria*



Identidade visual elaborada por Vinícius Ludwig Strack. Fonte: Disponível em: <<http://expobrinquedoecoisaseria.blogspot.com.br/>>. Acesso em: nov/2015.

A exposição *Alices: Cenários de Vida e Arte* (Figura 4) foi o quarto exercício de exposição curricular, idealizada e realizada no ano de 2013 entre 06 de novembro a 06 de dezembro, ministrada pelas professoras Dra. Jeniffer Cuty e Dra. Zita Possamai na disciplina *BIB03215 - Projeto de Curadoria Expográfica*, e a última citada na disciplina *BIB03217 - Prática de Exposições Museológicas*. Devido à grande procura do público foi prorrogada até 14 de fevereiro de 2014. Essa exposição, em especial, consolidou a parceria com Museu da UFRGS na utilização do Mezanino como espaço laboratorial do curso de Museologia, no que tange a realização das exposições curriculares. Apesar da prorrogação ter sido uma conquista para o grupo de alunos-curadores, não houve o processo de desmontagem da exposição por parte da turma, esta parte ficou a cargo do Museu da UFRGS, não sendo um processo vivenciado pela turma. Porém, cabe ressaltar, que algumas soluções exigidas pela prorrogação – como devolução de empréstimos – foram realizadas pelos alunos curadores, como por exemplo reprodução dos documentos escritos originais.

A narrativa da exposição foi feita através de biografias, documentos e de obras da trajetória das artistas plásticas Alice Brueggemann e Alice Soares. Pautou-se nas motivações que as reforçaram no processo de fortalecimento da figura feminina na época em que viveram. A divulgação tentou utilizar a estética das artistas, buscando inspiração nos quadros e nos traços usados por elas nas suas produções ao longo dos anos, propondo uma estética expográfica inspirada nessas características.

A exposição está dividida em três núcleos para melhor elucidar as nuances das artes no Rio Grande do Sul e da atuação das mulheres artistas naquele contexto. Buscando contemplar a trajetória tanto de Brueggemann como a de Soares, a exposição traz uma narrativa pautada essencialmente e relatos da vida das artistas com a intenção de elucidar a vida, a mulher, o dia-a-dia por traz da figura que normalmente intitulamos como artista (MATERIAL, 2013a, p.24).

Figura 4

Imagem de divulgação em meios eletrônicos da exposição *Alices: Cenários de Vida e Arte*



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/AlicesVidaeArte/photos/pb.145642708976721.-2207520000.1447270266./164805530393772/?type=3&theater>>. Acesso em: nov/2015.

Em 2015 os alunos-curadores apresentaram a quinta e mais atual exposição curricular do curso de Museologia da UFRGS: *AGÔ - presença negra em Porto Alegre: uma trajetória de resistência* (Figura 5). Essa edição ocorreu no primeiro semestre de 2015 pelo fato da reforma curricular implementada, alterando os semestres em que eram ministradas as disciplinas que contemplam essa atividade de ensino. Entre 15 de maio a 19 de junho a exposição curricular teve sua visitação aberta ao público no Mezanino do Museu da UFRGS. A referida exposição contou com a orientação da professora Me. Vanessa Barroso Teixeira, e o apoio do museólogo Elias Machado.

No *site* da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) é salientado que a exposição era produto de uma curadoria compartilhada e, nesse sentido, os alunos-curadores envolveram a comunidade negra de Porto Alegre para narrar suas memórias (FABICO, 2015). Com a intenção de difundir a trajetória de resistência do negro em Porto Alegre, que ficou a margem da história oficial, sua identidade visual traduziu bem a intencionalidade da exposição.

A opção foi abordar a temática da **Presença Negra em Porto Alegre**, cuja motivação foi o modo insatisfatório como o povo negro é representado, geralmente uma representação pretérita e estagnada no período escravista, e, muitas vezes ocultado por nossas instituições museológicas. [...] Nossos museus ocultam a continuidade dessa resistência no período pós-abolição e os novos modos de resistir, onde crescem as redes de solidariedade e fortalecem as organizações e, da cidadania e da valorização das suas manifestações culturais. [...] Assim viu-se na exposição, uma

ótima oportunidade para evidenciar o patrimônio e a memória construídos por negros e negras na sociedade gaúcha, especificadamente Porto Alegre. (TURMA 2012/1, págs.14-15;18. Grifo dos autores).

Figura 5

Flyer de divulgação Exposição AGÔ



Material gráfico produzido pelo Caixola/UFRGS. Fonte: Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/a-presenca-negra-em-porto-alegre-e-tema-de-exposicao-e-oficinas>>. Acesso em: nov/2015.

Nas presentes exposições realizadas pelo curso de Museologia nota-se o aprimoramento da avaliação do processo expositivo entre os alunos-curadores, reforçando como a dimensão da proposta pelas exposições curriculares dialoga com o papel da universidade na sociedade contemporânea. Ao propor aos futuros profissionais um exercício extraclasse, evidencia-se que o exercício museal é potencializado pelo seu viés social. Essa percepção é presente nas entrevistas realizadas para o presente estudo:

A primeira questão que eu posso avaliar é que todo esse processo da exposição curricular é um aprendizado constante para o curso de Museologia e para a FABICO, pois temos que aprender com a diversidade do tema, dos alunos, dos problemas, pensar nas soluções entre outros assuntos. É importante pontuar que um desses aprendizados foi a importância da parceria com o Museu da UFRGS, pois o mesmo conta com toda a estrutura necessária para a execução de exposição museológica. Creio que todo esse processo durante as cinco exposições que ocorreram foi muito positivo para o desenvolvimento do curso de Museologia da UFRGS. (MACHADO, 2015, doc. eletr.)

Considero que as 5 exposições realizadas de alguma forma demonstram o próprio processo de consolidação do curso de Museologia e do campo de conhecimento. Penso que as exposições têm se mostrado plurais na temática e na abordagem dos conteúdos apresentados, o que reflete a profundidade do debate realizado nas disciplinas. (GIOVANAZ, 2015, doc. eletr.)

Quando se procura estudos relacionados à compilação dessas informações sobre trocas de experiências museológicas, neste caso a exposição curricular, essa rica experiência quando muito passa por algum relatório final (dentro disciplina de seu Curso) e muito pontualmente surgem artigos. Uma prática que tem se tornado recorrente no curso de Museologia da UFRGS é a publicação de catálogos das exposições curriculares. Segundo os entrevistados não se conhece a troca de informações sobre essa atividade ensino entre os cursos de graduação. Uma tentativa de diálogo sobre essas experiências foi planejada pela rede de professores e pesquisadores dos cursos de Museologia, no II Seminário Brasileiro de Museologia⁵, que ocorreu em novembro deste ano:

Até o momento não existiam trocas ou redes sobre essa temática de meu conhecimento, porém do II Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS) ocorrerá pela primeira vez um grupo de trabalho com essa temática “Grupo de Trabalho: GT02 - Expografia: saberes e práticas das exposições museológicas”. (MACHADO, 2015, doc. eletr.).

O campo da Museologia também utiliza ferramentas digitais e redes sociais para troca de informações, especialmente para divulgação das mostras expográficas que ocorrem no país e no exterior. Essas ferramentas atualizam os profissionais sobre os temas e recursos expográficos contemporâneos. Segundo a professora Zita Possamai: “[...] surgiu um blog recentemente sobre Crítica Expográfica, mas é autoral...não uma rede”. (2015, doc. eletr.). O *blog* em questão tem como premissa:

Para aqueles que apreciam visitar uma boa exposição e querem saber mais sobre este pequeno-grande Universo. Este blog foi inspirado no comentário da museóloga Marília Xavier Cury na minha banca de mestrado: "ainda não existe uma crítica expográfica". A partir disso, pretende-se não criticar gratuitamente, mas abrir os horizontes deste universo expográfico e propor uma metodologia experimental de

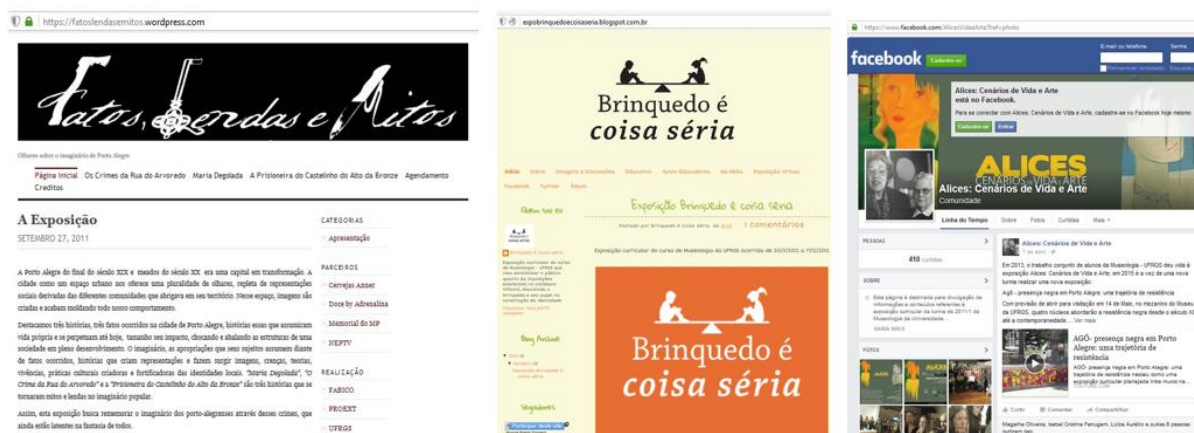
⁵ Segundo o caderno de resumos do II Seminário Brasileiro de Museologia o GT *Expografia: saberes e práticas das exposições museológicas*, coordenado pelos professores Me. Paulo Roberto Sabino (UFMG) e Me. Vanessa Barrozo Teixeira (UFRGS) tinha como proposta “[...] abordar o campo da exposição em museus e espaços culturais. Local de excelência para a consolidação da experiência do visitante inserida no processo de comunicação museológica, a exposição tem como um de seus pressupostos assegurar o status museal ao objeto. Atuando como um dos principais meios de comunicação entre o museu e seu público, consolida-se como um local de gênese interdisciplinar abrigando diversas produções de saberes, capaz de congrega diferentes áreas de conhecimento. Nesta perspectiva este GT pretende acolher pesquisas que tenham a expografia como campo de estudo nas seguintes temáticas: teoria expográfica ou expologia; planejamento e gestão de exposições; abordagens e interrelações com as demais práticas museológicas; interdisciplinaridade do campo expográfico; público e avaliação; **ações educativo-culturais**; acessibilidade e inclusão social; ensino da expografia e **exposições curriculares**; uso das Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs em expografia.” (II SEBRAMUS, 2015, p.39. Grifo meu).

análise destas. Nesta metodologia interessa saber, principalmente: como entender a exposição, como desconstruí-la e entender o que se passou na mente de seus conceptores, etc. (CRÍTICA EXPOGRÁFICA, 2015. doc. eletr.)

Além do material gráfico produzido pelos alunos-curadores das exposições curriculares do curso de Museologia da UFRGS (tais como *folders*, *flyers*, marcadores de página, catálogos) todas as mostras elaboraram *blogs* ou páginas em redes sociais a fim de sociabilizar as informações de visitação e sensibilizar o público acerca dos temas geradores (Figura 6).

Figura 6

Divulgação das exposições curriculares do curso de Museologia da UFRGS em meio eletrônico



Fonte: Adaptado pela autora⁶, 2015.

Quando é analisado o processo de execução das cinco primeiras exposições curriculares do curso de Museologia da UFRGS entre os docentes e museólogo envolvidos, alguns destaques são recorrentes, tais como: a recepção das exposições por meio do público e das instituições parceiras; a solicitação de prorrogação de prazo – fato visível na ampliação da execução das exposições curriculares; a oportunidade de realizar na prática um tratamento museológico nos acervos expostos; e a preocupação dos alunos-curadores com temas de

⁶ Blog da exposição curricular *Fatos, lendas e mitos: olhares sobre o imaginário de Porto Alegre*: Disponível em: <<http://fatoslendasemitos.wordpress.com/>> Acesso em nov de 2015.

Blog da exposição curricular *Brinquedo é coisa séria*: Disponível em: <<http://expobrinquedoecoisaseria.blogspot.com.br/>> Acesso em nov de 2015.

Facebook da exposição curricular *Alices: cenários de vida e arte*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/AlicesVidaeArte?fref=photo>> Acesso em nov de 2015.

acessibilidade e programas educativos-culturais, assunto que será abordado no próximo capítulo (GIOVANAZ, 2015; MACHADO, 2015; POSSAMAI, 2015; TEIXEIRA, 2015). Segundo o museólogo Elias Machado (2015) o que mais lhe marcou durante o processo da concepção, montagem e avaliação de todas as cinco exposições curriculares:

Creio que o que mais me marca ao longo dessas cinco exposições curriculares é ver como toda as expectativas dos alunos no início desse processo se tornam realidade. Acho que é um momento onde todos temos um aprendizado muito grande, não só técnico, mas que envolve experiências de vida, memórias, identidades, lutas, representações, que no meu ponto de vista são aprendizados tão ou mais importantes que a técnica, pois nós profissionais da memória temos um importante papel na sociedade como agentes reflexivos. Esse momento da exposição curricular é muito propício para esse aprendizado mais humano (MACHADO, 2015, doc. eletr.).

Quando penso nos roteiros de entrevistas elaborados para o aporte no trabalho apresentado, faço o exercício de também responder as perguntas apresentadas aos entrevistados. Partindo desse viés o *setor educativo, núcleo educativo, ações educativas* ou somente *educativo* de uma exposição curricular aguça a minha atenção e curiosidade, primeiramente pelas influências diretas que obtive durante a minha graduação, segundo pelo gosto da leitura dos textos que revelam esse tema. Com essa ênfase, o próximo capítulo se propõe a apresentar a dimensão educativa de cada exposição curricular e investigar as soluções criativas das ações desenvolvidas pelos alunos-curadores.

3 A CONCEPÇÃO DA DIMENSÃO EDUCATIVA: INVESTIGANDO AS EXPOSIÇÕES CURRICULARES DA UFRGS

[...] os museus modificaram a relação cotidiana entre profissionais de museus, exposições e público. A tarefa educativa passou a ser compreendida a partir do diálogo com o público e de práticas interativas. (SANTOS, 2004, p.58-59)

Como apresentado anteriormente, no currículo do curso de Museologia da UFRGS uma das atividades de ensino que mais caracteriza o saber fazer do profissional museólogo, aproximando a teoria da prática, é a exposição curricular. Exercício interdisciplinar, envolve competências e habilidades para além de uma simples mostra temática curricular - situação em que os alunos-curadores exploram a criatividade, o diálogo, a troca de experiências e o conhecimento construído ao longo da graduação. É um momento singular e plural, de propostas e escolhas, de percepção e interação, ou seja, todo o processo é uma grande aprendizagem.

A exposição curricular transforma os alunos em curadores; assim, todo o processo museológico é proposto e decidido em conjunto, e as tomadas de decisão dos valores, conceitos, representações e narrativas um ato compartilhado:

[...] Por curadoria compartilhada entendo aquela onde os atores envolvidos dialogam, estabelecem o fio condutor da exposição, participam de encontros onde o diálogo é constante, fazendo com que sejam definidos os textos, os materiais a serem expostos. É o processo conjunto, desde a concepção, realização até a avaliação da exposição realizada. (LEITZKE, 2012, p.65)

Dentre as deliberações que compõem a estruturação da exposição curricular nota-se que as potenciais relações com o público possuem força neste momento. O planejamento de uma ação consciente requer que os alunos-curadores elaborem projetos para além da informação imediata, mas que exercitem o envolvimento e a reflexão dos temas propostos. Esse é um desafio da educação museal⁷, que tem nas exposições um espaço privilegiado para seu desenvolvimento. Como afirma Cury (2013, p. 21):

⁷ Segundo Desvallées e Mairesse (2013 p. 38) “A educação museal pode ser definida como um conjunto de valores, de conceitos, de saberes e de práticas que têm como fim o desenvolvimento do visitante; como um trabalho de aculturação, ela apoia-se notadamente sobre a pedagogia, o desenvolvimento, o florescimento e a aprendizagem de novos saberes”.

Se a exposição é essencial para a comunicação museológica, porque é a melhor forma de materialização de problemáticas museológicas, a ação educativa é essencial também porque vai além da exposição, potencializando a experiência do visitante com o patrimônio cultural.

No decorrer desse processo museológico entre as escolhas dos alunos-curadores apresentam-se os núcleos que cuidarão de cada parte específica da exposição curricular. Machado (2015) identifica nessa perspectiva o surgimento de núcleos de gestão, e um recorrente é o educativo.

Como dito nas respostas anteriores, para fim de organização do processo expográfico há divisões de núcleos, e um grupo recorrente é o educativo. Esse grupo encaminha para a turma todas as propostas conceituais de ações educativas tendo sempre o tema da exposição como o assunto central das atividades. Uma vez aprovado esse grupo fica responsável por todas as etapas de concepção e execução [das propostas educativas aprovadas por toda a turma]. (MACHADO, 2015, doc. eletr.)

De acordo Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (1980) um constante desafio para as práticas educativas em espaços culturais, no que tange a exposição, é desenvolver a criatividade e o senso crítico, despertando uma consciência profunda das relações sociais. As ações educativas, uma vez elaboradas, perduram para além do tempo efêmero da exposição e do exercício curricular:

[A educação na perspectiva museológica] [...] é usado em sentido de *aprendizado constante* para a *vida* e, não, meramente, como ensino acadêmico ou educação formal. [...] tanto atividades tidas “educativas” com “culturais” servem à educação como *processo permanente* e contribuem para a realimentação da *cultura*, entendida esta em seu sentido mais amplo e dinâmico. (GUARNIERI, 1980, p.140-141. Grifo da autora)

Ao longo das exposições curriculares do curso de Museologia da UFRGS é possível observar diferentes estratégias que intensificam a dimensão educativa dos projetos de curadoria, aprimorando os recursos de interação com o público. A cada edição surgem novas tendências e caminhos para a troca de diálogos com o visitante, o tornando protagonista das relações propostas - sendo ele um público específico ou não.

Vivenciando as cinco exposições curriculares posso dizer que a cada edição há um aprimoramento das ações e recursos educativos abrangendo os mais diversos públicos, tais como palestras, oficinas temáticas, mediação com libras e áudio descrição, material educativo em braile, folder educativo, visita teatralizada, jogos lúdicos educativos, recursos táteis, entre outros. (MACHADO, 2015, doc. eletr.)

Ao exercitar as competências do profissional os discentes fazem uma investigação do tema expositivo em sua totalidade, compreendendo a exposição em si como um processo educativo e as programações paralelas como uma oportunidade de interação e aprendizagem com o público. A seguir será apresentada a abordagem das ações educativas concebidas pelos alunos-curadores do curso de Museologia da UFRGS, investigando as intenções e soluções formuladas em cada exposição curricular.

A ação educativa é consequência de planejamento e construção conceitual e teórica, metodologias e estratégias. É um processo de elaboração minucioso e, certamente, crítico. A ação interdisciplinar é uma construção conjunta e o educador precisa estar preparado para ela em pé de igualdade com os demais participantes. (CURY, 2013, p.16).

A exposição curricular intitulada *Do confessionário ao wireless: Landell de Moura, o padre-inventor* (2011) foi planejada por nove alunos-curadores. Destes, quatro se envolveram no planejamento e desenvolvimento das ações que apresentaram a dimensão educativa da mostra curricular. Exposição de caráter comemorativo - no referido ano foi celebrado o sesquicentenário do nascimento do Padre Roberto Landell de Moura - a proposta expositiva tinha por desafio apresentar o personagem a um público que, embora desconhecesse sua pessoa, é influenciado por ele até hoje devido ao seu pioneirismo nas comunicações.

Os alunos-curadores da turma decidiram que o público-alvo dessa exposição seria os estudantes de nível médio e universitário (MURATORE, *et all.*, 2011). A partir desse recorte o núcleo educativo se debruçou no planejamento de ações educativas e culturais que aproximassem do público os conhecimentos científicos produzidos pelo Padre Landell:

O grande desafio que se colocou desde o princípio, foi em como aproximar do público os conhecimentos científicos produzidos pelo Padre Landell e expostos, principalmente, através das Patentes de seus inventos. Um desafio inicial para nós, estudantes de Museologia, não familiarizados com os conhecimentos da Física. Dessa necessidade, surgiu a nossa primeira atividade educativa: a formação nossa e dos bolsistas que atuariam como mediadores na Exposição (MURATORE, *et all.*, 2011, p.5).

Como a exposição citada foi a primeira do curso de Museologia da UFRGS todas as experiências eram inéditas. Soma-se, ainda, o pouco número de alunos-curadores que se vincularam nessa atividade de ensino. Assim, alguns entrevistados que vivenciaram esse

processo sinalizaram que participar do núcleo educativo não foi uma decisão consciente, enquanto outros informaram que a adesão era intencional:

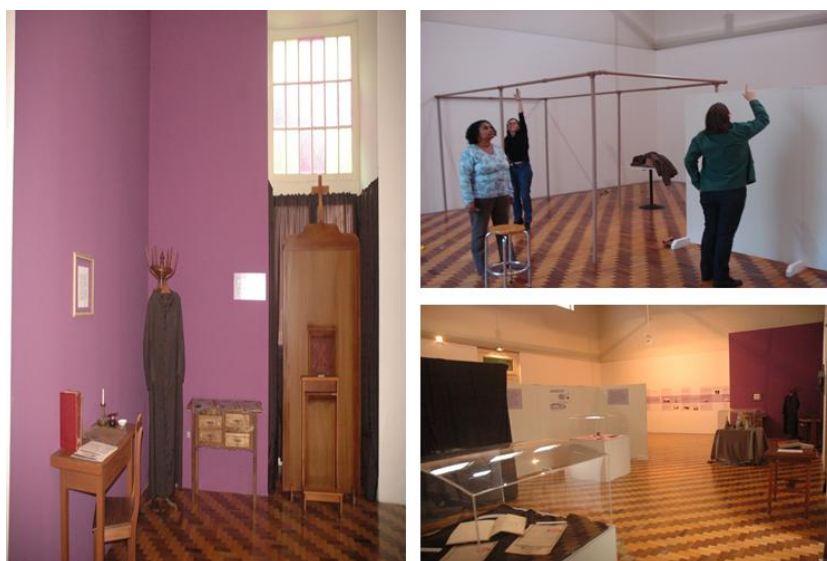
Na verdade não escolhi participar do Núcleo Educativo, não tínhamos muito essa divisão que vejo agora nas exposições curriculares posteriores. Como falei, éramos muito poucos, então todos acabavam se envolvendo e ajudando em tudo (SILVA, 2015, doc. eletr.)

Foi uma escolha por afinidade com a área de atuação. Durante a graduação tive várias oportunidades de trabalhar como mediadora. Também auxiliei, como estagiária, na concepção de ações educativas para exposições - tanto no Museu Júlio de Castilhos quanto no Museu da UFRGS - e essas atividades sempre despertaram em mim muita satisfação. Considero que pensar o caráter educativo de uma exposição seja uma parte bastante importante de todo o processo expositivo (SOUZA, 2015, doc. eletr.)

A exposição *Do confessionário ao wireless: Landell de Moura, o padre-inventor* ocorreu no Memorial do Rio Grande do Sul na sala Múltiplos Usos. Para a composição de sua narrativa, contou com quatro núcleos expográficos (Figura 7). Como salientado em publicação posterior, as ações propostas pelo o que se considerou núcleo educativo tinha por missão a aproximação dos conceitos que a exposição trazia para o cotidiano do visitante, sendo esse processo sensibilizado pelo o que a equipe considerou de simples recursos expográficos, porém que se mostraram eficientes (MURATORE, *et all.*, 2011).

Figura 7

Fotos da montagem da exposição curricular *Do confessionário ao wireless: Landell de Moura, o padre-inventor* (2011)



Para aproximar o visitante da proposta expositiva os alunos-curadores se valeram tanto de acervos musealizados quanto de recursos expográficos - tais como busto do Padre Landell, porta de confessionário, linha do tempo e réplicas das patentes para serem manuseadas. Somado à visita, o público poderia ainda interagir com a temática por meio de uma programação paralela voltada para a educação museal que, segundo Minuzzo (2015, doc. eletr.) era “[...] uma oportunidade excelente para apresentar resultados do aprendizado de forma pública, além de gerar satisfação pessoal, nos faz crescer em maturidade profissional, também podendo formar uma rede com outros profissionais e instituições”.

A aluna-curadora, hoje museóloga, Micheli de Souza (2015) cita as ações educativas planejadas para essa exposição curricular, que segundo os participantes do processo foi marcada pelo seu caráter experimental:

Durante a Exposição *Do Confessionário ao Wireless: Landell de Mora, o padre-inventor*, concebemos e executamos as seguintes ações:

- Formação interna da equipe - tanto dos alunos da turma quanto os bolsistas mediadores - sobre a temática da exposição com o Tenente Gentil Bruscatto, professor de física do Colégio Militar;
 - Visitas mediadas: recebemos turmas do curso de museologia, escolares de ensino médio; alunos do curso de Eletrônica do IFET Restinga; um grupo de guias de turismo; um grupo de funcionários do Memorial do RS, além de visitantes não-agendados.
 - Oficinas de Física e de História do Rádio com estudantes do ensino médio e universitário (o público-alvo da exposição): a oficina de Física foi ministrada pelo Tenente Gentil Bruscatto e a de Histórias do Rádio com o engenheiro Daltro D’Arisbo.
 - Debates sobre o planejamento da exposição com professores e colegas da Museologia;
 - Palestra sobre o Efeito Landell-Kirlian; proferida pela terapeuta Vânia Abatte.
- Avalio o processo como muito positivo. As atividades tiveram muito boa receptividade e foram excelentes momentos de aprendizado (SOUZA, 2015, doc. eletr.).

Um dos destaques apresentados pelo grupo foram as oficinas interdisciplinares que abordavam os temas sobre Física e História do Rádio. A primeira ficou por conta das experiências de demonstrações realizadas de alguns desses princípios; a segunda oficina propôs a construção de uma galena e posteriormente experimentar ouvir o som através desse aparelho. A exposição cumpriu o seu dever de ir para além da informação imediata, propondo um processo de aprendizagem interativo. Essa experiência posteriormente se tornou uma memória da entrevistada:

Lembro especialmente da oficina do Sr. Daltro, do Museu do Rádio, com uma turma de alunos da Museologia, lá o pessoal aprendeu a montar uma Galena e captaram ondas de rádio, foi bem interessante para todos. A oficina foi realizada depois da visita mediada à exposição, onde eles já tinham tido contado com as incursões do Padre Landell na transmissão da voz humana via ondas sem utilização de fio. Ai, a oficina, com a experimentação prática da Galena, deu mais sentido, acredito, à exposição. Lembro que o pessoal gostou muito. (SILVA, 2015, doc. eletr.)

A citação refere-se às oficinas e traz também a mediação como interlocutora da informação para o conhecimento. Figura secular nos gabinetes de curiosidades, galerias e posteriormente em museus, o mediador além de informar conduz o visitante pelo espaço expositivo explorando a proposta do curador. No caso da exposição curricular essa articulação ocorreu de maneira muito harmônica, uma vez que a mediação servia de aporte para as oficinas desenvolvidas.

Com o fato de ser a primeira turma de exposição curricular do Curso, os alunos-curadores aproveitaram a exposição para ampliar os debates teóricos e o processo de curadoria, tornando-se assim mais uma ferramenta da dimensão educativa da exposição:

[...] foram realizadas palestras sobre a temática e sobre Museologia - os Debates Museológicos tiveram como público alvo os estudantes do Curso de Museologia e abordou várias questões dentro da perspectiva do processo de Curadoria Expográfica pelo qual estava passando a primeira turma do Curso [...] (TEIXEIRA; FARIA; MACHADO, 2015, p.8).

A palavra “primeira” indica algo que nunca havia acontecido, apresenta uma sensação nova, ou a experiência vivida de maneira inédita. São tantas atribuições que podemos fazer para esta palavra e, associada à exposição curricular, traz também o sentimento de dever cumprido, onde a própria experiência no todo foi considerada pelos envolvidos uma ação educativa. Uma vez não havendo modelos anteriores a serem seguidos, para a primeira turma o ineditismo foi uma característica: “Pessoalmente a experiência se mostrou como um longo laboratório de aprendizagem, onde a criatividade e o imprevisto precisam sempre estar presentes” (GIOVANAZ, 2015, doc. eletr.).

O segundo ciclo de formação dos profissionais do curso de Museologia da UFRGS apresentou a exposição curricular *Fatos, lendas e mitos: olhares sobre o imaginário de Porto Alegre*. Realizada no segundo semestre de 2011, foi planejada e concebida por vinte e dois alunos-curadores, sendo que cinco se dedicaram ao núcleo de ações educativas. Para duas

entrevistadas que participaram desse processo, a concepção da exposição foi um grande aprendizado profissional.

Foi muito bacana. Talvez a experiência que mais tenha me marcado durante a faculdade e a coisa da qual mais eu sinto falta. Acho que nesse momento, a turma ficou muito mais unida e trabalhou muito melhor junta, porque não era uma simples avaliação, seria algo para deixar nossos nomes para sempre e promover o próprio curso. (BORTOLETTI, 2015, doc. eletr.)

[...] aprendemos muita coisa na prática, o que é legal pois na vida profissional você tem que saber se virar. Também é um exercício de paciência e diplomacia que você aprende mesmo sem perceber. [...] Acho que são fundamentais para a formação de museólogo, apesar de não ser a única função da nossa profissão, a exposição é o produto que apresentamos em nosso espaço de trabalho e essa preparação, esse estudo que é feito, as discussões sobre como fazer são coisas que fazem parte da vida profissional, então é super importante já ter passado por isso antes. (FERNANDES, 2015, doc. eletr.)

Quando esse grupo de alunos-curadores finalizaram a disciplina *BIB03215 - Projeto de Curadoria Expográfica*, o planejamento das ações educativas não estava amadurecido. O próprio tema, que concentrou o debate da identidade porto alegreense por meio de suas lendas urbanas, apresentava-se como um desafio. O projeto curatorial não evidenciou especificadamente os programas educativos que seriam desenvolvidos, mas cabe salientar que as ações educativas e culturais já tinham um espaço pré-definido, ou seja, havia uma percepção do grupo de sua importância: “As atividades educativas e culturais serão elaboradas quando a concepção da exposição estiver definida. [...] serão desenvolvidas atividades para receber os visitantes e oficinas e palestras sobre os assuntos relacionados à exposição” (TURMA 2009/1, 2011, p.32).

Se na referida disciplina o núcleo de ações educativas não tinha uma programação definida, no processo de montagem e abertura da exposição diferentes propostas de atividades educativas e culturais foram colocadas em prática:

Eu gosto da questão da educação em geral, então foi meio que natural a minha participação nesse núcleo. Acho que a educação tem um resultado meio que imediato e com o museu não é diferente, a gente recebe um feedback rápido, seja por uma observação ou pela expressão de quem está nos escutando. Se eu não me engano, nós tínhamos dois projetos educativos, que eram a visita guiada com mediadores e uma visita com a presença de uma atriz que representaria os saberes do povo quanto ao tema. Tínhamos flyers educativos com jogos que eram distribuídos para as turmas escolares e todos foram usados. Eu gostei desses projetos, acho que funcionaram muito bem e conversaram com a exposição. (BORTOLETTI, 2015, doc. eletr.)

Os alunos-curadores que conceberam essa exposição curricular perceberam que o conceito de imaginário era transversal aos quatro núcleos elaborados - dando conta de três lendas urbanas de Porto Alegre: os crimes da Rua do Arvoredo, a Maria Degolada e a prisioneira do Castelinho do Alto da Bronze (Figura 8). Para Foucault (2008⁸, *apud* LEITZKE, 2012, p.21):

O que pertence propriamente a uma formação discursiva e o que permite delimitar o grupo de conceitos, embora discordantes, que lhe são específicos, é a maneira pela qual esses diferentes elementos estão relacionados uns aos outros. [...] É esse feixe de relações que constitui um sistema de formação conceitual.

Essa percepção da operação conceitual sobre o tema proposto foi evidenciada no núcleo *Imaginário*, que propôs ao visitante um aprofundamento das lendas urbanas a partir da imersão da transição de um fato para uma lenda que caracteriza histórias da cidade e, conseqüentemente, memórias coletivas: “Assim, o núcleo introdutório foi criado para o visitante, ao iniciar seu percurso pela exposição, tivesse contato com algumas premissas necessárias para melhor compreensão das lendas propriamente ditas” (CATÁLOGO, 2011, p.19)

Figura 8

Núcleos da exposição curricular *Fatos, lendas e mitos: olhares sobre o imaginário de Porto Alegre* (2011)



Fonte: CRIAMUS, 2015.

⁸ Foucault, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

A exposição propôs um repertório de ações educativas: foi primeira a contar a figura do mediador - três alunos do curso de Museologia foram designados para essa função com bolsa evento fornecida pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT) - e juntamente se contratou uma graduanda do curso de Artes Cênicas⁹ para colocar em prática a visita teatralizada prevista. Para a composição da personagem definiu-se que seria representada uma “velhinha fofqueira” que sabia de todos os acontecimentos das lendas urbanas (Figura 9).

A visita teatralizada tratava de aproximar o público, em especial da 57ª Feira do Livro de Porto Alegre, com a exposição curricular e seu local de exibição, o Palácio Memorial do Ministério Público (Forte Apache). A atriz ia à Praça da Alfandega e com sua interpretação trazia visitantes curiosos para conhecer a exposição, artifício que também foi usado nas visitas com estudantes e surtiu um efeito muito positivo. Em outros momentos a personagem se passava por visitante e conversava com o público para saber o que pensavam acerca do assunto e como estavam interagindo com a expografia proposta. Esse recurso educativo foi o que chamou mais a atenção do público.

Figura 9

Imagens da visita teatralizada da exposição *Fatos, lendas e mitos: olhares sobre o imaginário de Porto Alegre* (2011)



Fonte: CRIAMUS, 2015.

Na ocasião os alunos-curadores realizaram uma pesquisa de público, através de questionário, com vinte e sete pessoas que participaram de uma visita teatralizada. Destas 70% declararam que a visita teatralizada estimulou sua ida à exposição e 67% informou que essa ação educativa facilitou o entendimento do conteúdo da exposição. Do total de

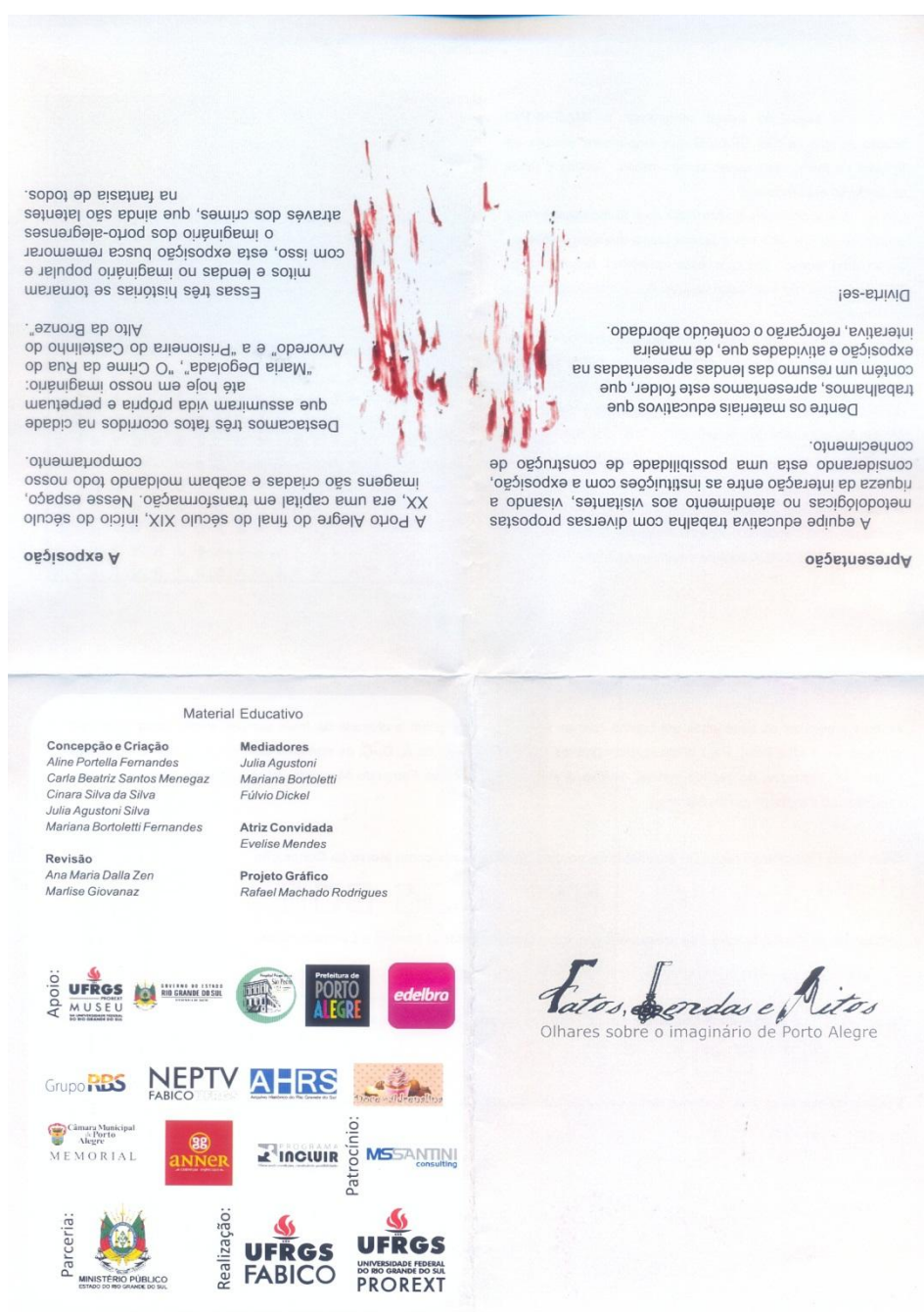
⁹ Atriz convidada Evelise Mendes.

entrevistados, 81%, recomendaria esse tipo de ação educativa em outros museus (SILVA; FEIJÓ, 2011).

Outra iniciativa inovadora foi a compilação do *folder* educativo (Figura 10) de duas dobras a ser distribuído durante a exposição. Nele se tinha além de informações prévias da exposição, jogos e brincadeiras que reforçavam os temas trabalhados na exposição curricular; seu público alvo era o ensino médio.

Figura 10

Folder Educativo (frente e verso) da exposição
Fatos, lendas e mitos: olhares sobre o imaginário de Porto Alegre (2011)



A exposição busca rememorar o **IMAGINÁRIO** urbano através de três **CRIMES** que atravessam séculos na fantasia de todos. Mas afinal, como essas lendas e mitos oficialmente aconteceram?

Crimes da Rua do Arvoredo: Em 1863 José Ramos assassina a golpes de MACHADO três pessoas com a intenção de ter seus bens como posse. Tendo a casa revistada, encontram os CORPOS no porão e no poço desativado, sendo condenado à prisão perpétua.

Maria Degolada: Em 1899 uma MOÇA chamada Maria Francelina Trenes é morta com um golpe de FACÃO no pescoço por seu companheiro Bruno Soares Bicudo, sendo o ciúme apontado como principal motivação. Bruno foi condenado à 30 anos de prisão.

Castelinho do Alto da Bronze: um homem casado apaixonou-se por uma moça desquitada e se apresentando com outro nome e ocultando a sua situação civil, a convida para morar numa edificação com traços de CASTELO medieval. Supostamente a manteve **APRISIONADA** durante o relacionamento.



Procure preencher os quadradinhos em branco com as sílabas que compõem a charada da frase sempre acima (cada quadradinho corresponde a uma letra). Para letras iguais, números iguais. Em casos de ã, ô, ç, os números são diferentes de A, O, C. Nas sílabas em destaque, no sentido vertical, surgirá o antigo nome da Rua Fernando Machado, cenário de um dos crimes mais presentes no imaginário porto-alegrense.

Onde Maria Francelina Trenes foi assassinada, conhecido atualmente como Morro da Conceição.

1 2 3 2 4 5 2 1 6 7 8 9 10 9

Instituição no Rio de Janeiro que preserva o processo criminal de José Ramos e Catarina Paise.

2 1 11 12 3 9 2 13 3 10 9 2 4

Na própria (?) de José Ramos que foram encontrados os corpos de suas vítimas.

14 3 15 16 9 13 3 2

Verdadeiro estado civil do primeiro dono do Castelinho do Alto da Bronze quando conheceu Nilza Linck.

13 2 14 2

AR RAI AL PAR THE NON // AR QUI VO NA O NAL // RE SI DEN CIA // CA SA DO

Fonte: CRIAMUS, 2015.

Ocorreu ainda dentro da dimensão educativa da referida exposição o debate sobre como iriam trabalhar a acessibilidade. Preocupados com a propagação da informação para os mais diversos públicos os alunos-curadores elaboraram material de baixa visão e em braile junto com o Programa Incluir da UFRGS para que todos pudessem ter acesso às informações propostas. Outra importante conquista foi a colocação de uma rampa pela equipe do Memorial do Ministério Público ao ser sinalizado que na área destinada à exposição tinha um espaço sem nivelamento. Esse pode ser um exemplo do resultado da interdisciplinaridade abordada

durante toda graduação, fato que fica bem claro quando perguntado às entrevistadas se as disciplinas anteriores dialogam com a elaboração e execução da exposição curricular. Percebe-se, através das entrevistas, que o exercício da exposição realmente coloca em prática a teoria:

Muito. A princípio, acho que a gente acreditava que não, mas as referências vinham sem que a gente percebesse, no final das contas. Acho que, principalmente, o modo como a gente trabalhou o tema e a linguagem que usamos dialogaram muito com as disciplinas de teor mais cultural do curso. (BORTOLETTI, 2015, doc. eletr.)

Sim, acho que as disciplinas tratam sobre cada coisa que fazemos no Museu e que culminam na comunicação do acervo que é a exposição. (FERNANDES, 2015, doc. eletr.)

Múltiplos materiais impressos e digitais foram desenvolvidos para potencializar os temas geradores da exposição, além das propostas dialógicas durante a exposição, buscando uma experiência interativa e participativa:

O objetivo da exposição - e do grupo de ações educativas - nunca foi dar respostas, salvo trazer alguns fatos que realmente aconteceram, mas mostrar outro olhar sobre os fatos explorados na mostra. As atividades propostas estimularam o imaginário das temáticas abordadas, promovendo o diálogo e a reconstrução de histórias da cidade que, direta ou indiretamente, contribuem para a identidade porto-alegrense. (CATALOGO, 2011, p.35)

A entrevistada Aline Portela Fernandes (2015), aluna-curadora que participou do núcleo de ação educativa, ao fazer uma avaliação do processo da atividade de ensino pondera que algumas propostas não saíram como idealizadas, outras se mostraram profícuas. A oportunidade de acertar e errar qualifica o profissional que está prestes a se formar:

Escolhi participar do núcleo educativo porque acho que é uma função de extrema importância, também faz parte da comunicação do acervo e junto com a exposição vai passar valores, determinar comportamentos e maneiras de agir e pensar da sociedade. É algo que tem uma responsabilidade tão grande que, às vezes, as pessoas que trabalham em museus nem se dão conta. Nós havíamos planejado fazer algumas palestras que não deram certo, nosso principal palestrante não pode participar. As inserções teatrais que planejamos também não saíram como pensávamos, mas acho que o que funcionou foi legal. Nossa ação educativa ficou bastante concentrada nas mediações e acho que deu muito certo, pois pessoas que participaram da concepção foram também mediadores, então tinham muito domínio do assunto. Claro que poderíamos ter feito mais, sempre podemos fazer mais, mas acho que dadas as circunstâncias as ações foram positivas (FERNANDES, 2015, doc. eletr.).

A terceira exposição curricular do Curso de Museologia da UFRGS, intitulada *Brinquedo é coisa séria* (2012), incorporou as ações educativas no decorrer da visita à exposição, fato estimulado pela temática abordada. Concebida por vinte e quatro alunos-curadores, sete se dedicaram à concepção e criação das ações educativas. Essa exposição, assim como a primeira, utilizou o espaço expositivo da Sala Múltiplos Usos do Memorial do Rio Grande do Sul. O espaço foi dividido em núcleos, três para ser mais preciso: núcleo *Representações do brincar*, *Qual o gênero do seu brinquedo?*, e *Brincando com o gênero* (Figura 11). Essa foi uma exposição bastante provocante, uma vez que tratou da abordagem de gênero por meio dos brinquedos e debateu como esse diálogo se apresenta na sociedade contemporânea.

Figura 11

Núcleos da exposição curricular *Brinquedo é coisa séria* (2012)



Fonte: CRIAMUS, 2015.

Ao tratar esse tema os alunos-curadores foram buscar referências sobre o debate gênero, incluindo autores que trabalham esse tema na Museologia, no intuito de mostrar que o museu (no caso a exposição) precisa dialogar com o seu entorno e trazer questionamentos sobre a sociedade contemporânea. As ações educativas tiveram um forte papel na problematização do ato de brincar e sua influência na constituição do papel cultural do indivíduo.

Trata-se, pois, de estudar o sexo dos objetos, não numa perspectiva psicanalítica, e sim a serviço da demarcação e indução de papéis sexuais e, portanto, da distribuição de obrigações, direitos, privilégios. Por exemplo, cumpre indagar até quando e como, entre nós, a reprodução social da família duplicando biológica, é atributo feminino e, portanto, mobiliza como os álbuns de família. Estes simbolicamente garantem a permanência ao longo dos ciclos e das transformações: nascimento, batizado, primeira comunhão, 15 anos, formatura, noivado, casamento, morte, etc. Abre-se aqui um vasto campo que, entre nós, mal foi vislumbrado: a compreensão dos demais papéis e categorizações (de criança, adulto, velho, de patrão, e empregado, etc.) para os quais as peças de indumentária, os móveis, os brinquedos,

os equipamentos pedagógicos, etc, têm a fornecer informações silenciadas pelas demais fontes ou com aspectos absolutamente “novos” e enriquecedores (MENESES, 2000, p. 9).

Nessa perspectiva de preocupação não somente com o público adulto, mas também com o infantil, se desenvolveu ao longo da curadoria do projeto expográfico objetivos bem definidos sobre as ações educativas. Uma das entrevistadas avalia que praticamente todos os tópicos previstos no projeto de curadoria conseguiram ser executados pelo núcleo educativo:

Havia oficina de brinquedos reciclados, contação de histórias e uma palestra sobre gênero, além de uma parte do acervo ser tátil. Tínhamos também folder em BRAILE e um mural onde poderiam ser deixados recados e desenhos realizados pelos visitantes. Tínhamos escolhido, o núcleo do educativo, que uma das mediadoras falasse LIBRAS e tivesse um envolvimento e experiências com o público infantil. (AMARAL, 2015, doc. eletr.)

Percebe-se no relato acima que o idealizável passou bem perto do que se tornou realidade ao se comparar com a lista de propostas educativas apresentadas no projeto expográfico da exposição:

- Duas oficinas para confeccionar bonecas e bonecos no período da exposição.
- Uma Palestra com Tania Ramos Fortuna, do projeto de extensão “Quem quer brincar” da Faculdade de Educação/ UFRGS;
- Uma mesa redonda com debate sobre o tema da exposição, com um coordenador da mesa e outras pessoas convidadas para o debate;
- Atividade com grupo de teatro;
- Atividade diária de mediação para grupos de escola;
- Mediações para pessoas deficientes;
- Palestras para professores de escola;
- Fazer material educativo (e em braile). (TURMA 2010/1, 2012, p.30)

Observa-se pelo *folder* de comunicação (Figura 12) que realmente ocorreram oficinas para a contação de histórias, a mediação foi agraciada com a versão também em libras com a mediadora Simone Dornelles, assim como a oficina de fabricação de brinquedos reciclados realizada pelo senhor Carlos Aguiar, o Teixeira, conhecido como o “Jardineiro artesão da sucata”. O que não se ocorreu foi a mesa redonda, a palestra foi realizada com um palestrante diferente e as atividades do grupo de teatro tornaram-se as contações de história.

Figura 12

Folder de comunicação frente e verso da exposição *Brinquedo é coisa séria*

Período: de 20 de novembro a 01 de dezembro de 2012 (de terça à sexta-feira das 10h às 18h e sábado das 10h às 17h)

Local: "Sala de Múltiplos Usos" do Memorial do Rio Grande do Sul (R. Sete de Setembro, 1020, 2º andar, Praça da Alfândega - Centro Histórico, Porto Alegre, RS - Brasil)

Apoio: Univas, INCUIR, NEPTV, CONTAMAIS, UFRGS, PROEXT, FABICO, UFRGS, PROEXT

Parceria: MEMORIAL, Rio Grande do Sul

Realização: UFRGS, FABICO

Grupo de Comunicação: Carine Duarte, Deise Formolo, Fernanda Campos, Karine da Costa, Ludimilla Fagundes, Sibelle da Silva

Revisão: Maira Farias

Projeto Gráfico: Rafael Machado Rodrigues

Identidade Visual: Vinicius Ludwig Strack

Para agendamentos: brinquedoecoisaseria@yahoo.com.br / (51) 93460464

Acesse! expobrinquedoecoisaseria.blogspot.com.br

Brinquedo é coisa séria

Venha visitar a nossa exposição que tem como proposta a apresentação dos brinquedos e sua influência na construção das identidades desde os primeiros anos de nossas vidas.

Você acha que existem brinquedos de meninos e brinquedos de meninas? Através desta questão o visitante será convidado a refletir sobre a importância do brincar na infância, sobre a influência do brinquedo no comportamento das crianças e as possibilidades de desconstrução a partir de um olhar crítico destes objetos.

Esta exposição não terá respostas prontas e sim convidará os visitantes a se questionar sobre o tema.

Palestra
Pedagogias de gênero: educando meninos e meninas
Palestrante: Gregory da Silva Balthazar.
dia 27/11 às 16h.

Mediação
Diariamente
Mediante agendamento*
Mediação em LIBRAS
Terças, quintas e sábados no período da manhã ou quartas e sextas-feiras à tarde.

Oficina
Confeção de brinquedos reciclados com o "Jardineiro, arteção da sucata"
10h30min ou 15h (quartas e sextas-feiras: 21, 23, 28 e 30/11) - Mediante agendamento.

Contação de Histórias
com Willian R. Albano e César Endres do projeto de extensão da UFRGS "Conta Mais".
Terças e quartas-feiras (20/11, 21/11, 27/11 e 28/11) - Mediante agendamento.

Projeto gráfico de Rafael Machado Rodrigues. Fonte: CRIAMUS, 2015.

Embora a terceira exposição curricular do Curso tivesse o público adulto como alvo, sua ação educativa foi bastante direcionada ao público infanto-juvenil, equilibrando essa interação. Ressalta-se ainda que os alunos curadores incluíram na própria exposição diferentes recursos de cunho educativo, inclusive, um anexo com oficina de brinquedos reciclados (Figura 13). Esse pode ter sido um motivo que a aparentou como uma das exposições com mais ações educativas. Dialogar com os temas gênero e brincadeiras estimula um debate complexo, mas lúdico também.

Dá alegria, liberdade, satisfação, repouso interno e externo, paz com o mundo. Uma criança que brinca integralmente, por determinação de sua própria atividade, perseverando até que a fadiga física a impeça, será certamente um homem completo e determinado, capaz de auto-sacrifício para a promoção do bem estar de si mesmo e dos outros [...]. O brinquedo espontâneo da criança revela a vida interior futura do homem. Os brinquedos da infância são germes de toda a vida posterior (ANGOTTI, 1994¹⁰, apud LIMA, 2008, p. 16-17).

¹⁰ ANGOTTI, M. *O trabalho docente na pré-escola* - Revisitando teorias, descortinando práticas. São Paulo: Pioneira, 1994.

Figura 13

Fotos dos núcleos expográficos com recursos interativos e oficina de reciclagem



Fonte: CRIAMUS, 2015.

Com o brincar e o seu gênero tomando tamanha força na exposição, os alunos-curadores desenvolveram um *folder* educativo de duas dobras (Figura 14) e um *blog* com uma aba exclusiva para o educativo (Figura 15), onde além de toda a exposição estar descrita, apresenta materiais e *links* de apoio para os educadores e visitantes. Uma intenção também contemplada nesse material seria poder alcançar o público que não veria a exposição por fatores diversos - em especial por motivos de deslocamento. Nessa parte o grupo que pensou o núcleo educativo buscou ampliar divulgação da exposição e, principalmente, potencializar o debate do tema gerador do processo de curadoria para além de sua materialização com tempo determinado. No *blog*, inclusive, é possível observar o número de acesso às informações disponibilizadas pelos alunos-curadores, uma interação que ultrapassa o tempo da exposição aberta ao público.

Figura 14

Folder Educativo (frente e verso) da exposição *Brinquedo é coisa séria*


Brinquedo é coisa séria

Brinquedo é coisa séria

Ah, eu queria tanto rever os vídeos da exposição!

Então acesse o blog, confira todos os vídeos, dicas de filmes e livros e muito mais!

Acesse:
expobrinquedoecoisaséria.blogspot.com.br

Exposição Curricular – Turma Museologia 2010
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – UFRGS
Prof.ª Ana Carolina Gelmini de Faria

Concepção e Criação	Revisão
Daniela Amaral	Maira Farias
Danielle Chrystine F. dos Santos	
Giovanni Mesquita	Projeto Gráfico
Ludimilla Fagundes	Rafael Machado Rodrigues
Maria Ricken de Medeiros	
Nara Beatriz Witt	Identidade Visual
Sibelle Barbosa da Silva	Vinicius Ludwig Strack

Apoio: Univas, Programa Incluir, NEPTV FABICO, CONTA MAIS

Parceria: MEMORIAL, Rio Grande do Sul, UFRGS FABICO, UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PROEXT

Realização: UFRGS FABICO, UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PROEXT

Já parou para pensar que...

Se você é uma menina, provavelmente, teve muitos acessórios rosa e bonecas? Já, se você é um menino, ganhou muitos carrinhos e bonecos de super-heróis? E o contrário disso, aconteceu?

Foi pensando nisso que decidimos fazer esta exposição para refletirmos juntos sobre o papel que os brinquedos cumprem na nossa vida.

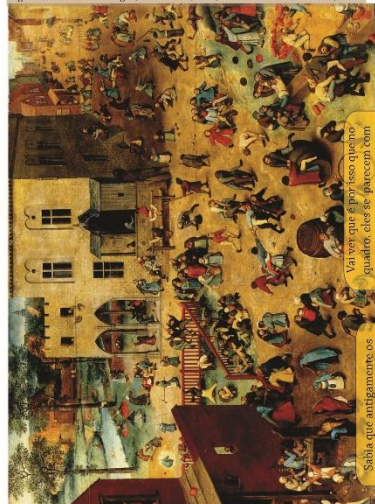
A exposição *"Brinquedo é coisa séria"* convida-o a pensar sobre nossa infância e qual o papel dos brinquedos na construção de nossas identidades.

Para continuarmos a refletir sobre o tema, a equipe educativa elaborou este material que está em suas mãos.

ESPERAMOS QUE GOSTE!



Jogos Infantis – Pieter Bruegel (118 x 161 cm; 1560). Kunsthistorisches Museum, Viena.



Os brinquedos, para as crianças, são uma forma de representação e compreensão do mundo, como neste quadro: um barril facilmente se transforma em um cavalo e a brincadeira já está garantida!

Va boy que é por isso que no mundo eles se parecem com adultos. E cada quanto brincadeira! Bois, e as crianças?

Sabe que antigamente os adultos tinham brinquedos?

A criança realiza imaginariamente seus desejos através do brinquedo, que se torna um intermediário entre o desejo e a realidade

Será que tem algum brinquedo que eu gostaria de ter tido e não tive?

Se os brinquedos são uma forma de transformar os desejos em realidade, e eu não tive uma máquina de costurar, como eu poderia ter pensado em ser um costureiro?



<http://www.youtube.com/watch?v=1pp42t4caZY>

Você acha que existem brinquedos de meninos e brinquedos de meninas, como contesta a guiazinha do vídeo?

Figura 15

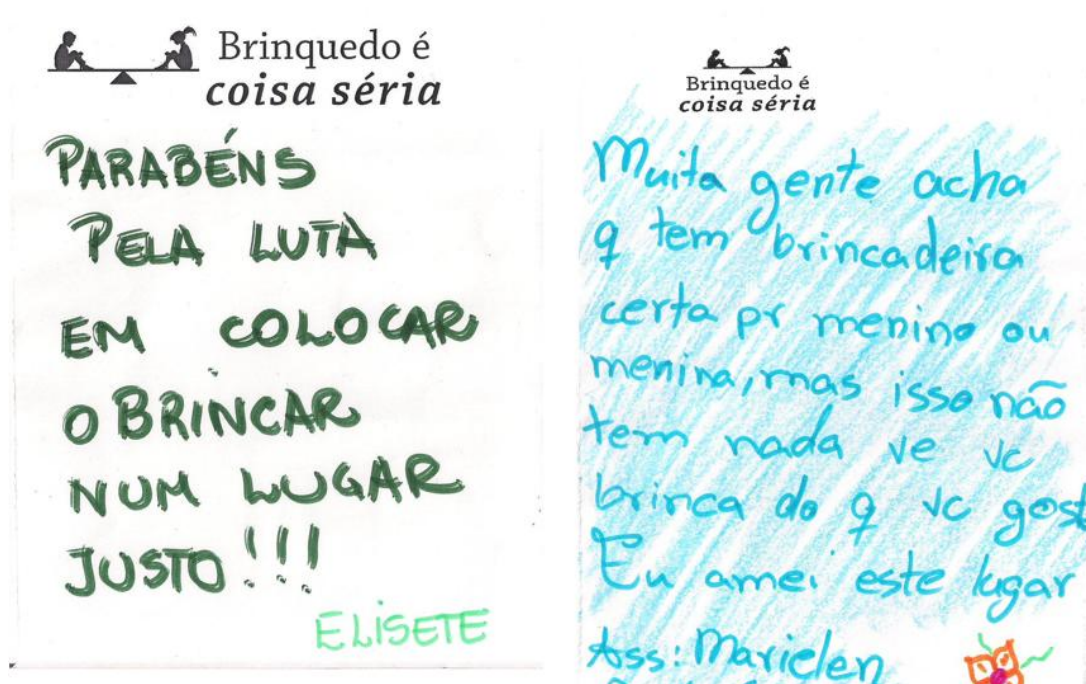
Print Screen do blog da exposição *Brinquedo é coisa séria* - Aba educativo

Fonte: Disponível em: < <http://expobrinquedoecoisaseria.blogspot.com.br/p/educativo.html> > Acesso em Nov/2015

A exposição *Brinquedo é coisa séria* (2013) tinha o desafio de suscitar um debate sobre a cultura do gênero na sociedade contemporânea. A concepção expositiva e sua programação paralela contemplaram essa dimensão educativa, que valoriza os museus como cenários de diálogos e construção de ideias. Mensagens deixadas pelos visitantes demonstram que a exposição alcançou seu papel (Figura 16).

Figura 16

Mensagens deixadas pelos visitantes no núcleo *Qual o gênero do seu brinquedo?*



Fonte: CRIAMUS, 2015.

A quarta experiência de exposição curricular foi inaugurada em 2013. *Alices: Cenários de Vida e Arte* trazia como tema a vida cotidiana e a formação profissional das artistas Alice Brueggemann e Alice Soares. A exposição foi dividida em três núcleos expográficos que convergiam no empoderamento da figura feminina e a turma, composta por dezenove alunos-curadores, atuaram nesses núcleos por livre afinidade (Figura 17). Cabe ressaltar que essa exposição curricular marca a primeira vez que a atividade de ensino foi apresentada no Mezanino do Museu da UFRGS, reforçando laços do Curso com a Universidade.

O núcleo *Ensino, Estudos e Esboços* tinha por objetivo apresentar a contextualização da trajetória das artistas como alunas do Instituto de Artes da UFRGS durante a década de 1940, e pela narrativa expográfica tangenciava este percurso no desenvolvimento dos processos de criação dessas mulheres que eram artistas, colegas e amigas. O núcleo *Ateliê* sensibilizava a importância das ações voltadas ao processo de musealização dos objetos que, em sua história, compuseram o atelier físico das artistas. O núcleo *Profissionalização* contava a história profissional dessas mulheres, centrando na problematização da figura feminina enquanto artistas numa época em que as moças eram criadas para cuidar do lar (MATERIAL, 2013b).

Figura 17

Maquete e apresentação dos núcleos expográficos de *Alices: Cenários de Vida e Arte* (2013)



Fonte: Aline Escandil (2013) e Marcelo Cavalcanti (2013).

Além dos núcleos expográficos existiam os núcleos organizacionais, ou seja, uma parte dos alunos-curadores se dedicou ao acervo, outra parte à divulgação e comunicação, e quatro alunos-curadores se dedicaram ao educativo. Os alunos que constituíram esse núcleo englobavam representações dos três núcleos expográficos. Cabe ressaltar uma particularidade: essa exposição se trata do exercício curricular do qual participei, e sou um dos quatro alunos-curadores que integraram o núcleo educativo. Essa escolha me fez gostar ainda mais do tema de educação, e como ela se desenvolve dentro da instituição museal.

As atividades educativas propostas suscitavam questionamento sobre todos os núcleos, demonstra-se aí uma preocupação com o processo de criação e execução da exposição por parte dos alunos-curadores, trazendo à tona novamente a interdisciplinaridade e o planejamento no exercício proposto. Visível também a questão da exposição curricular ser considerada o exercício prático mais marcante na vida do futuro profissional museólogo, percepção presente no depoimento de diferentes entrevistados:

Foi uma experiência muito enriquecedora e, também, esperada com muita ansiedade, pois é a oportunidade de colocar em prática todos os conhecimentos que vêm sendo construídos ao longo da graduação. [...] Foi ímpar no sentido de ter participado de todas as etapas de desenvolvimento de uma exposição, visto que, infelizmente, na prática profissional, nem sempre conseguiremos ter essa participação plena em todo o processo.[...] Acredito ser de fundamental importância não somente por ser um exercício prático (*in loco*), mas, igualmente, porque a partir dele conseguimos ter a percepção com qual (ou quais) áreas nos identificamos - Educativo, Comunicação, etc. - e, que é norteadora para as nossas futuras atuações profissionais. (FERRUGEM, 2015, doc. eletr.)

[...] Sem dúvida, é essencial. Essencial porque é onde o futuro museólogo adquire experiência de como conceber, na prática, uma exposição. Desde a escrita de um projeto até o acolhimento do público visitante. Além disso, temos a oportunidade de participar de todas as etapas necessárias para a construção de uma exposição, o que exige comprometimento e, sobretudo, o conhecimento teórico adquirido durante a formação. (FONTANARI, 2015, doc. eletr.)

A experiência foi fundamental para compreender, através da atuação, os conteúdos abordados nas disciplinas do curso de graduação. [...] Enriquecedora na formação e na capacitação dos estudantes de Museologia, pois envolvem grande parte das práticas que abrangem os processos museológicos inseridos nas funções que os museólogos precisarão dominar, compreender na sua atuação profissional, que poderá ocorrer interna ou externamente à instituição. (LIMA, 2015, doc. eletr.)

A escolha dos quatro alunos-curadores pelo núcleo educativo foi voluntária, todos gostavam da área de abrangência e já tinham atuado ao longo da graduação em estágios e projetos de extensão / pesquisa que envolveram a educação em museus.

Escolhi participar da equipe do Núcleo Educativo da exposição, pois acredito que através do planejamento das ações educativas podemos dar vida e movimento à exposição para a sociedade usufruí-la. Neste momento pensamos no público, que é o sentido da exposição existir, e em como podemos ampliar a narrativa proposta pelo curador (es) através de diferentes ações oportunizadas à ele. (LIMA, 2015, doc. eletr.)

Foi com as aulas da Professora Carol Gelmini que eu comecei a me interessar pela área de ação educativa em museus. Conseqüentemente, no segundo ano de faculdade, quando eu tive a oportunidade de trabalhar em uma bolsa de extensão com a Professora Ana Dalla Zen, me envolvi com projetos de ação educativa em escolas da Ilha da Pintada, bairro onde realizamos projetos por mais de dois anos. Foi então que eu optei por participar do Núcleo Educativo da minha exposição curricular. (FONTANARI, 2015, doc. eletr.)

A atuação em experiências acadêmicas anteriores, somada ao tema da exposição curricular, viabilizou que o grupo de alunos-curadores do núcleo educativo interagisse de forma criativa e reflexiva, potencializando a dimensão educativa da exposição. Uma vez que o grupo possuía familiaridade com conceitos e exercícios voltados para educação em museus diversos materiais e programações educativas foram elaboradas, tendo a preocupação de contemplar diferentes faixas etárias. O material lúdico-educativo produzido para a exposição revela o quão importante é o diálogo entre o conceito curatorial e seus desdobramentos práticos.

Uma das primeiras iniciativas foi compilar um material de apoio para os professores e mediadores, denominado de *Material para formação de professores* (2013a) e *Material para capacitação de mediadores* (2013b) (Figura 18). Neles continham, além da biografia das artistas, a exposição, seu tema e intencionalidade, bem como sugestões de textos sobre as artistas e a história do gênero feminino no campo das artes. Trazia também de maneira detalhada as atividades que seriam propostas na exposição e outras atividades para se fazer em sala de aula com os alunos (MATERIAL, 2013a; MATERIAL, 2013b). Esse material foi disponibilizado no *site* do Museu da UFRGS¹¹.

Figura 18

Material de Formação de Professores e Capacitação dos mediadores *Alices: Cenários de Vida e Arte*



Fonte: CRIAMUS, 2015.

¹¹ Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/museu/museu-inaugura-nova-exposicao-1/>>. Acesso em Nov/2015.

Com o planejamento e formação do material educativo para exposição teve-se também a confecção dos materiais para atividades que fossem compartilhadas na exposição. O *folder* educativo de duas dobras foi criado por duas das alunas-curadoras que participavam desse núcleo, tinha função de comunicar a exposição brincando, interagindo com jogos como ligue os pontos e palavras cruzadas (Figura 19).

Figura 19

Folder educativo (frente e verso) da exposição *Alices: Cenários de Vida e Arte*

Ligue os pontos!

SOARES, Alice, Menina - Óleo inacabado

BRUEGGEMANN, Alice, Óleo sobre tela

Respostas? Descubra!

1. Tema muito representado por Alice Soares em suas obras.

2. Material que Alice Soares passou a utilizar após um processo de reação alérgica à terebentina.

3. Nome atual do local onde Alice Brueggemann e Alice Soares concluíram seus estudos no ano de 1943.

4. Equipamento necessário para o artista pintar (ou desenhar) mantendo a tela (ou o papel) na posição vertical.

5. Espaço dividido pelas Alices, por mais de 40 anos.

6. Técnica de impressão muito utilizada para reprodução de obras artísticas.

Cruzadinhas!

Quebra-cabeças!
Pinte, cole em papel mais grosso e recorte!

Você sabia?
A natureza-morta é uma obra de arte que retrata, principalmente, seres inanimados, geralmente, objetos tipicamente comuns que podem ser naturais (alimentos, flores, plantas, pedras ou conchas) ou artificiais (copos, livros, vasos, jóias, moedas, tubos, etc).

Que tal fazer a sua?
Junte objetos, frutas, flores, etc e... mãos à obra!!

ALICES
CENÁRIOS de VIDA e ARTE

Abertura
05 NOV 2013 19h

Visitação
06 NOV a 06 DEZ 2013

MUSEU DA UFRGS - Mezanino
Av. Osvaldo Aranha, 277 - Campus Centro
Porto Alegre, RS
Seg à Sex das 9h às 18h
Entrada Franca

Folder Educativo
concepção e criação: Isabel Cristina Francioni Ferrugem, Lilian Santos da Silva Fontanari
colaboração e projeto gráfico: itsdesign

UFRGS
MUSEU DA UFRGS

Projeto gráfico elaborado por *Its Design*. Fonte: Acervo Pessoal (2013).

Um diferencial da exposição curricular foram os jogos lúdico-pedagógicos (Figura 20), planejados para aproximar o público infanto-juvenil do tema, embora, todos que tomassem conhecimento deles queriam participar das propostas de interação. Destacam-se os dois quebra-cabeças fabricados com diferentes obras das artistas e o jogo da memória que trazia, além do acervo exposto, outras obras conhecidas das Alices. Todos os recursos lúdico-pedagógicos foram fabricados em conjunto e de maneira artesanal pelos alunos-curadores do núcleo.

Figura 20

Recursos lúdico-pedagógicos da exposição *Alices: Cenários de Vida e Arte*

Fonte: CRIAMUS, 2015.

Os demais recursos pedagógicos relacionaram diretamente educação e acessibilidade, numa tentativa de incluir todos os públicos potenciais da exposição. Desenvolveu-se três obras táteis (duas pinturas das artistas e um desenho em tamanho menor), com o auxílio da arte-educadora Janine Gomes, que contribuiu ativamente na confecção artesanal do recurso expográfico (Figura 21). As obras desenvolvidas para pessoas com deficiência visual também foram utilizadas como recurso educacional nas visitas das escolas, uma que se percebia a difícil tarefa de se “enxergar com os dedos”. Contou-se, ainda, com a parceria do Programa Incluir da UFRGS para impressão de legendas e informações adicionais em braile e com fonte expandida.

Todo o tema e suas tecituras foram pensadas para que houvesse total concordância entre o que os alunos-curadores idealizavam e o que o grupo educativo planejava executar, esse foi um trabalho de diálogos e relações tanto disciplinares como de extraclasse: “[...] Os projetos foram concebidos por uma equipe de quatro alunos da turma e apresentados para que os demais pudessem avaliar, sugerir e aprová-lo” (LIMA, 2015, doc. eletr.).

Figura 21

Obras táteis produzidas para a exposição *Alices: Cenários de Vida e Arte*

Fonte: Aline Escandil (2013) e Marcelo Cavalcanti (2013).

Para os quatro alunos-curadores que participaram da dupla função de processo criativo - curatorial e educativo a experiência foi unânime: um grande aprendizado. A exposição curricular envolveu diferentes cursos e instâncias da universidade e rendeu frutos para além de seu período de visitação. Alguns materiais permanecem disponibilizados *online* e repercutem a importância dos itinerários das artistas representadas para o campo das artes, contribuindo para novos debates que possuam esses temas como geradores.

Para mim foi ótimo, como acredito ter sido para a maioria da turma. Quando todos optaram pelo mesmo tema tive a percepção de que estávamos no caminho certo. Isto nos tornou um grupo coeso e mais seguro, mesmo que em muitos pontos houvessem discordâncias, todos tínhamos um objetivo comum que era realizar uma exposição. Assim, mesmo com as diferenças de opiniões entre a turma, sempre conseguíamos chegar a um consenso através do diálogo, e penso que isto aconteceu porque tínhamos um ideal que nos identificava e unia. [...] Para mim há três grandes pilares para que uma exposição atinja seu objetivo: A conservação preventiva, a pesquisa (documentação) sobre o acervo/tema e sua relevância para a sociedade e a comunicação deste acervo durante a exposição com o público. Isto possibilita desdobramentos que ampliam ainda mais a narrativa inicialmente proposta pelo curador (es) e nos surpreendem através do aprendizado proporcionado através do conhecimento trazido pelo público, com informações acrescidas à documentação do acervo exposto (LIMA, 2015, doc.eletr.).

Após cinco anos da primeira turma de alunos-curadores começarem o exercício prático da exposição curricular cheios de incertezas e muitas variantes, este ano *AGÔ - Presença Negra em Porto Alegre: uma trajetória de resistência* (2015) pediu passagem e fez do exercício curricular uma oportunidade de potencializar a Museologia voltada para o âmbito social, na tentativa de realizar um tributo a homens e mulheres que sempre lutaram pelos negros deixados a margem da história porto-alegrense. *AGÔ*, como foi carinhosamente apelidada, trouxe de maneira muito forte a questão do diálogo entre os debates da universidade e as vivências extramuros.

Estruturada em quatro núcleos *AGÔ* trouxe algo novo - não que as outras exposições não tivessem um aprimoramento gradual de técnicas, parcerias e influências em sua escolha de tema - mas a quinta e mais atual exposição foi marcada pela ampla adesão do público alvo a que foi direcionada. Composta por vinte e um alunos-curadores, sete destes se envolveram diretamente com o núcleo educativo. Uma exposição em movimento e constante formação, como foi nomeada pelos alunos-curadores durante o processo de concepção e montagem. *AGÔ* construiu uma narrativa afirmativa sobre as questões sociais ainda pouco exploradas nos museus, ela inovou ao abordar o público negro de uma forma direta e confiante (Figura 23), surpreendendo professores e colegas do curso de Museologia da UFRGS.

Figura 23

Faixa frequentemente usada em *AGÔ - Presença Negra em Porto Alegre*



Fonte: CATÁLOGO, 2015.

As ações educativas, segundo a professora ministrante, ocorreram desde a escolha do tema pelos alunos-curadores, e um dos principais motivos era que nem todos estavam familiarizados com o assunto. Desde essa escolha houve ações mais entendidas como sócio-educacionais e afirmativas, no intuito de apropriação de conceitos e ideias novas.

As ações educativas da exposição curricular AGÔ foram sendo concebidas desde o momento da escolha da temática. A turma se dividiu por núcleos/equipes de trabalho, e o núcleo responsável pelas ações educativo-culturais se preocupou em desenvolver atividades voltadas a diferentes tipos de público. (TEIXEIRA, 2015, doc. eletr.)

Comunicando, divulgando e buscando recursos financeiros, como a ação coletiva criada no CATARSE¹² desde sua concepção, AGÔ transcendeu os muros feitos de concretos e os invisíveis que ainda existem na vida acadêmica (CATÁLOGO, 2015). A partir da apropriação de conceitos e da abordagem a ser feita na exposição curricular, os alunos-curadores planejaram e executaram a exposição dividida em quatro núcleos onde teve o percurso do negro abordado nas diversas variantes da sociedade porto-alegrense: *Triunfo de Akin*; *Cozinha*; *Bar*; e *Negritude* (Figura 24). Na busca de conhecer e desenvolver melhor o tema gerador formou-se um comitê científico e se fez várias parcerias, a destacar a Sociedade Cultural e Beneficente Floresta Aurora - primeira do gênero no Brasil, fundada antes da Lei Áurea, em 1872, e que veio a inspirar a formação de outras instituições semelhantes no Rio Grande do Sul e no Brasil, por ela passou diversas pessoas ilustres como João Cândido (CATÁLOGO, 2015).

Acreditei desde o início que a exposição deveria ser trabalhada extramuros [...] Os colegas foram buscando parcerias e fomos criando laços e afetos e fomos participando de atividades na comunidade. Foi ocorrendo respeito mútuo. (CANTANHÊDE, 2015, doc. eletr.)

Os núcleos traziam a contemporaneidade do assunto, ao mesmo tempo em que ilustravam o quão antigo e histórico é a presença do negro em Porto Alegre. Mostraram espaços antes vividos pela comunidade negra que se transformaram em memória e referência.

¹² Site plataforma de Financiamento Coletivo, onde idealizadores de projetos de várias categorias se conectam a apoiadores interessados em contribuir com pequenas doações (em outras palavras como se fosse uma “vaquinha” coletiva e virtual).

Figura 24

Núcleos da exposição AGÔ - *Presença Negra em Porto Alegre* (2015)

Fonte: Priscila Rodrigues (FLICKRIVER, 2015) e Catálogo (2015).

Um das primeiras ações educativas que envolveu os alunos-curadores e pessoas externas resultou na Semana Acadêmica 2014/2 do Curso de Museologia, apresentando o tema da Negritude em Porto Alegre, abrindo um espaço de diálogo no âmbito acadêmico sobre a futura exposição curricular (Figura 25). Com programação planejada pelos alunos-curadores (Figura 26), destacou-se nessa semana a importante troca de saberes e fazeres identitários da cultura negra, a exemplo da oficina de bonecas Abayomi¹³, que posteriormente também foi realizada na programação da exposição.

Nesse intuito foi realizada no segundo semestre de 2014 a Semana Acadêmica do Curso de Museologia, intitulada Diálogos sobre Identidades e Presenças Negras em Porto Alegre - Uma exposição em construção. Compuseram o evento, griôs, oficinheiros, militantes, acadêmicos e estudantes do curso de Museologia que já realizaram exposição curricular. O objetivo foi realizar um evento aberto a

¹³ “Abayomi significa ‘meu presente’, ou ‘encontro feliz’. São bonecas feitas de nós e confeccionadas com retalhos de tecidos. Sempre negras, são instrumentos de reflexão sobre a identidade afro-brasileira e a sua integração à memória brasileira” (CATÁLOGO, 2015, p.27).

comunidade acadêmica, tanto para apresentar o tema e promover um diálogo a fim de iniciar uma construção coletiva da exposição. Desde modo, a discussão sobre a presença negra em Porto Alegre, seus saberes e fazeres, foi inserida no espaço universitário da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, configurando-se na primeira ação de difusão. (TURMA 2012/1, 2015, p.68)

Figura 25

Semana Acadêmica 2014/2- exposição AGÔ - Presença Negra em Porto Alegre



Fonte: CATÁLOGO, 2015.

Figura 26

Programação Semana Acadêmica 2014/2 - Diálogos sobre Identidades e Presenças Negras em Porto Alegre - Uma exposição em construção

Diálogos sobre identidades e presenças negras em Porto Alegre
uma exposição em construção

Semana Acadêmica 2014
Curso de Museologia / UFRGS

20 a 24 de Outubro - a partir 14 horas
FABICO - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

PROGRAMAÇÃO

Tardes no Auditório 1 - das 14h as 18h

20 Outubro segunda-feira	22 Outubro quarta-feira	23 Outubro quinta-feira	24 Outubro sexta-feira
Diálogos: Experiências nas exposições curriculares do Curso de Museologia	Roda de conversa: A oralidade na produção de saberes afro-brasileiros	Cine-debate Exibição do documentário "A tradição do Bará do Mercado: os caminhos invisíveis do negro em Porto Alegre"	Oficina de Projetos Culturais

Noites - das 19h as 21h

Sala 104

CRIAMUS

21 Outubro terça-feira
Diálogos: Educação, direitos humanos e relações étnicoraciais

23 Outubro terça-feira
Oficina de bonecas Abayomi

Fonte: CRIAMUS, 2015.

Durante o efêmero tempo em que a exposição curricular permaneceu aberta ao público transcorreu-se diversas iniciativas lúdico-educativas para o público visitante se apropriar tanto do tema gerador quanto da exposição curricular. Oficinas de Bonecas Abayomi, novamente foram executadas e com sucesso, assim como as oficinas de Turbante, Percussão e encontros de capoeira, todas acompanhadas por debates e diálogos acerca do tema. O *UFRGS Portas Abertas* foi contemplado pelas ações da exposição curricular, assim além de conhecer o Museu, a exposição apresentava as características do profissional que se forma no curso de Museologia. Houve espaço ainda para as rodas de memória e brincadeiras como as cinco marias (Figura 27). O alcance dessas ações educativas foi tão significativo que foram feitas filmagens a fim de preservar a história oral ali evocada.

O projeto do educativo na sua concepção aparece desde o momento que o tema é apresentado. Acredito que 90% do que foi pensado foi realizado. Encontros, palestras... A concepção dos núcleos, as interatividades, os encontros com os pesquisadores e comunidade com as propostas das oficinas na semana acadêmica. Trouxemos a comunidade para dentro da universidade e a universidade para a comunidade. (CANTANHÊDE, 2015, doc. eletr.)

Figura 27

Ações educativas e recursos expográficos lúdico-educativos da exposição AGÔ - Presença Negra em Porto Alegre



Fonte: CATÁLOGO, 2015.

O processo pelo qual passou a turma que efetivou a exposição curricular de 2015 foi intenso, assim como seus antecessores: experiências marcantes e transformadoras quando lembradas pelos agentes que a vivenciaram. A proposta da atividade de ensino é preparar o futuro profissional museólogo para o campo museal, e as relações estabelecidas evidenciam que é possível compreender a Museologia para além do conhecimento técnico, é uma ciência interlocutora de memórias, identidades e vivências. Nesse sentido, todo o processo da exposição curricular é uma dimensão educativa que valoriza trocas e aprendizados dos alunos-curadores com os diferentes agentes em interação.

Assim como na educação, o processo museológico é compreendido como ação que se transforma, que é resultado da ação e da reflexão dos sujeitos sociais, em determinado contexto, passível de ser repensado, modificado e adaptado em interação, contribuindo para a construção e reconstrução do mundo. Daí, o sentido de associarmos o termo processo às ações de musealização, compreendido como uma sequência de estados de um sistema que se transforma, por meio do questionamento reconstrutivo, e que, ao transformar-se, transforma o sujeito e o mundo. A utilização do termo processo permite atribuir, portanto, as dimensões social e educativa à Museologia. (SANTOS, 2002, p. 314).

A cada nova exposição curricular do curso de Museologia da UFRGS novos temas são abordados, impulsionando o diálogo dos alunos-curadores com a sociedade. Seus planejamentos educativos contemplam a criatividade dos futuros profissionais e os desafiam a concretizá-los. Toda essa experiência torna-se um importante aprendizado de vida que, de acordo com os alunos-curadores entrevistados, é lembrada com uma profusão de sentimentos. Unidos, singulariza a oportunidade de transformar o aprendizado da graduação em prol da sociedade - o mais importante papel do curso de Museologia.

4 O INÍCIO DA MEMÓRIA

O tempo é efêmero, Chico Xavier já citava que “tudo passa”: as experiências, angústias e tristezas, assim como também as alegrias e amores - nós mesmos passamos por um breve tempo terreno. Quando nos damos conta que somos uma gota no oceano, percebemos o quão breve a nossa vida e história se tornam. No início do trabalho relatei minhas experiências acadêmicas a fim de esboçar e exemplificar o porquê do tema escolhido. Escrever sobre nós mesmos - e experiências vividas - é algo complexo, porém se ninguém o faz nada se é lembrado. Aprendi na Universidade sobre as relações com o outro e como isso nos influencia e transforma individual e socialmente.

Quando estudava na graduação de História havia um professor que sempre relatava: “a história de todos foi contada por poucos”. Destas observações tiro duas características das exposições curriculares: a brevidade do tempo e o poder de um grupo seletivo contar uma narrativa de muitos, ou poucos. Esse é um desafio significativo da proposta formativa do museólogo, um dos milhões de profissionais que existem, mas que acredito ter um importante papel social.

Propor estudar sobre o curso de Museologia da UFRGS com foco nas exposições curriculares, e mais especificamente nas ações educativas, apresenta uma tentativa ainda que pequena de preservar a memória do Curso. O tempo passa, os professores mudam, as disciplinas se reformulam, cada grupo de alunos-curadores é único, enfim, um conjunto de fatores influencia a dinâmica das relações estabelecidas - e essas podem ter a tendência de ficar somente na memória perene das pessoas. Como aprendemos durante os anos dedicados à graduação, o museólogo deve unir os preceitos que compreendem a relação ensino, pesquisa e extensão a fim de potencializar seu papel social. As exposições curriculares podem ser consideradas o ápice da concretização dessa tríade na graduação em Museologia. O Laboratório CRIAMUS assume um importante papel nesse processo, tanto por ser o local de referência para os alunos-curadores, como espaço de preservação das informações tanto físicas como digitais sobre as exposições curriculares¹⁴.

Desde a criação do curso de Museologia da UFRGS houve cinco exposições curriculares e nesse exercício acadêmico se refletem as competências que o museólogo deve

¹⁴ As informações digitais sobre as cinco exposições curriculares do Curso de Museologia/UFRGS, se encontram disponíveis em: < <http://www.ufrgs.br/fabico/nucleos-e-laboratorios/criamus> > acesso em: dez/15.

aprimorar para sua atuação no campo profissional. Com suas particularidades e temas diversos, a função da exposição curricular é de trazer um conhecimento experimental do dia a dia do museólogo - mostrando o quão importante são as relações profissionais, as parcerias, o processo museológico e, especialmente, aproximar as relações humanas nas tomadas de decisões. A exposição curricular é, antes de tudo, um exercício de gestão.

Aprimoramento e processo criativo são conceitos que definem a trajetória do curso de Museologia da UFRGS e suas exposições curriculares. De um Curso novo, que precisava ocupar seu espaço na Universidade, transcende a cada exposição curricular o seu papel social, mostrando de diferentes maneiras que seus alunos são interlocutores entre o meio acadêmico e a sociedade.

Da primeira turma recordo-me que se autodefiniam como “cobaias”. Talvez para eles o exercício da exposição curricular tenha sido tão assustador como intenso, uma vez que não existia um modelo pré-definido, ou alguém que dissesse que aquela alternativa daria certo ou errado. Dessa mistura de sensações foi concebida a exposição *Do confessionário ao wireless: Landell de Moura, o padre-inventor* (2011), que integrava as comemorações do sesquicentenário do personagem retratado. A primeira vista foi uma das exposições curriculares mais clássica, com sua identidade visual bem marcada por textos e ilustrações acerca do padre Landell. As ações educativas concentraram-se em palestras e oficinas. Pouco de material acerca da concepção e montagem dessa exposição encontra-se no CRIAMUS, o que traz uma dificuldade de pesquisa.

A exposição curricular *Fatos, lendas e mitos: olhares sobre o imaginário de Porto Alegre* (2011) tinha dois pontos a favor em relação à exposição anterior: a primeira experiência para avaliar as soluções criativas adotadas e um grupo significativamente maior de alunos-curadores. O conceito transversal, imaginário, tornou-se ao mesmo tempo desafiador e profícuo para se trabalhar o educativo. Utilizou um novo espaço expositivo, pois durante esse processo os estudantes teriam que organizar, tematizar, problematizar e ainda encontrar um lugar para conceber a exposição. Ao propor materializar fatos ocorridos em Porto Alegre que se transformaram em lendas urbanas, obteve grande divulgação midiática - interessante observar que após quatro anos de sua exibição o curso de Museologia foi convidado pela emissora de TV RBS para um especial do aniversário de Porto Alegre. Na ocasião duas alunas-curadoras, hoje bacharéis em Museologia, participaram do programa sobre a cidade e suas lendas e mitos. Ainda se destacam recursos educacionais que não tinham sido explorados, como *folder* educativo, visitas teatralizadas e materiais para pessoas com baixa

visão e com deficiência tanto visual como locomotora. Essa exposição contou com o primeiro catálogo impresso, o que facilitou a pesquisa e mostrou uma preocupação de reunir memórias do processo vivenciado.

Brinquedo é coisa séria (2012), trazia um amadurecimento maior no tensionamento temático - foi a primeira que debateu um tema contemporâneo pouco dialogado na sociedade. Trouxe o questionamento de como o gênero é imposto desde o cotidiano infantil, explorando como isso se desenvolve nas práticas culturais. O educativo equalizou o público a ser contemplado pela exposição curricular, contemplando por meio do material impresso e sua programação o público infanto-juvenil. Utilizou-se de *folder* educativo, material de apoio aos mediadores e professores, compilação de um *blog* na internet, instrumentos que as exposições anteriores também utilizaram. Cabe ressaltar que dessas três experiências dois *blogs* ainda se encontram disponíveis e propagam informação sobre as exposições.

O quarto exercício curricular foi o qual houve minha participação. *Alices: Cenários de Vida e Arte* (2013) tinha como tema transversal a história das mulheres no Rio Grande do Sul. Os quatro alunos-curadores iniciaram a concepção das ações educativas a partir de uma troca avaliativa: O que deu certo e o que não aconteceu de maneira harmônica nas exposições anteriores? Todos desse núcleo continham um forte carinho sobre o tema educação em museus e assumiram o desafio de dialogar esse recorte com a exposição, propondo a criação de material de formação para professores e capacitação de mediadores, jogo pedagógicos, *folder* educativo e *flyers* que contribuíram para a divulgação da exposição. Três diferenciais desse exercício prático foram: a vinculação do Museu da UFRGS, disponibilizando o espaço para ser construída e executada a exposição; o tema teve como ponto de partida um acervo já institucionalizado, o que trouxe - no meu ponto de vista - o exercício mais para perto da realidade; e exposição não contou com *blog*, somente com as mídias sociais - o que pode interferir na busca de informações para futuras pesquisas.

AGÔ - presença negra em Porto Alegre: uma trajetória de resistência (2015) é a mais atual exposição curricular e talvez a que mais trouxe inovações, pois aconteceu em um semestre diferente das outras, e os alunos-curadores vivenciaram experiências inéditas acerca do tema - uma vez que o tema sobre a sociedade negra em Porto Alegre ainda tem muito que ser explorado, em especial no âmbito acadêmico. Executou ações antes da exposição ser aberta ao público, como palestras e oficinas na Semana Acadêmica do curso de Museologia anunciando a futura exposição curricular. Não se utilizou de *blog*, mas possui uma página nas redes sociais *Facebook* e *Youtube*, muito ativos. Cabe ressaltar que um dos desdobramentos

da execução da exposição curricular no Mezanino do Museu da UFRGS foi o gerenciamento da comunicação *on-line* por parte da instituição até o período de desmontagem. Na questão da arrecadação de fomentos para a conclusão da exposição o grupo de alunos-curadores se utilizou de uma nova ferramenta do *site Catarse*, e retomou a impressão de catálogo, processo que ainda está em andamento nas exposições *Brinquedo é coisa séria* e *Alices: Cenários de Vida e Arte*. Outra novidade em AGÔ foi a parceria entre o Curso de Museologia/UFRGS e o Caixola, Clube de Criação FABICO/UFRGS, na criação de peças gráficas e dos painéis expositivos da exposição - além de ser um novo momento, abriu-se uma nova troca de aprendizado e experiências.

Retomo. Amadurecimento é o termo que melhor distingue as trajetórias das exposições curriculares e do curso de Museologia da UFRGS. Evocar temas tão relevantes para a sociedade reforça a importância do profissional museólogo e do compromisso com o processo museológico. A exposição curricular torna-se, nesse sentido, uma atividade de ensino singular que potencializa a construção de conceitos e preparação profissional, além de ser uma experiência que ficará por toda a vida, sendo por excelência um ato criativo. Ilustrei neste trabalho algumas memórias que não devem se perder, essas exposições são parte da história do curso de Museologia da UFRGS. Tudo é efêmero como já havia comentado, cabe a nós interlocutores da memória torná-las vivas para que possam sempre ser lembradas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Daniela. <d-----@yahoo.com.br>. Entrevista de estudo TCC *Aline Escandil*. 12 de out de 2015. Mensagem para: <e-----@gmail.com> em 16 de out de 2015.

BARROSO, Gustavo. *Introdução à Técnica de Museus*. vol.01, 2.ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/ Gráfica Olímpica, 1951. 350p.

_____. *Introdução à Técnica de Museus*. vol.02, 2.ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ Gráfica Olímpica, 1953. 464p.

_____. O Curso de Museus. *Anais do Museu Histórico Nacional*, vol. V. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1955. p.191-211. [? 1944].

BORTOLETTI, Mariana. <m-----@gmail.com>. Entrevista de estudo TCC *Aline Escandil*. 12 de out de 2015. Mensagem para: <e-----@gmail.com> em 13 de out de 2015.

BRASIL. Lei 7.287, de 18 de dezembro de 1984. *Dispõe sobre a Regulamentação da Profissão de Museólogo*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7287.html> Acesso em out de 2015.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CES 492/2001 - Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia*, 2001. 38p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>> Acesso em out de 2015.

CANTANHÊDE, Leida. <l-----@uol.com.br>. Entrevista de estudo TCC *Aline Escandil*. 12 de out de 2015. Mensagem para: <e-----@gmail.com> em 18 de nov de 2015.

CATÁLOGO AGÔ - *Presença Negra em Porto Alegre: uma trajetória de resistência*. Porto Alegre, 2015, 12p.

CATÁLOGO *Fatos, lendas e mitos: olhares sobre o imaginário de Porto Alegre*. Porto Alegre, 2011, 48p.

CRÍTICA EXPOGRÁFICA. *Início*, 2015. Disponível em: <<https://criticaexpografica.wordpress.com/>>. Acesso em nov de 2015.

CURY, Marília Xavier. Educação em Museus: panorama, dilemas e algumas ponderações. *Ensino em Re-vista*, v.20. n.1, Jan/Jul 2013. p.13-28.

_____. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. 2. ed. São Paulo: Ed. Annablume, 2005. 162p.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Tradução e comentários de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Armand Colin, 2013. 100 p.

FABICO. Exposição AGÔ - Presença Negra em Porto Alegre: Uma Trajetória de Resistência, 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/fabico/news/exposicao-ago-presenca-negra-em-porto-alegre-uma-trajetoria-de-resistencia>>. Acesso em out de 2015.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. *O caráter educativo do Museu Histórico Nacional: O Curso de Museus e a construção de uma matriz intelectual para os museus brasileiros (Rio de Janeiro, 1922-1958)*. 2013, 234p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FERNANDES, Aline Portella. <a-----@gmail.com >. Entrevista de estudo TCC *Aline Escandil*. 12 de out de 2015. Mensagem para: <e-----@gmail.com> em 15 de out de 2015.

FERRUGEM, Isabel Cristina. <b-----@gmail.com>. Entrevista de estudo TCC *Aline Escandil*. 12 de out de 2015. Mensagem para: <e-----@gmail.com> em 17 de out de 2015.

FONTANARI, Lilian dos Santos. <l-----@gmail.com>. Entrevista de estudo TCC *Aline Escandil*. 12 de out de 2015. Mensagem para: <e-----@gmail.com> em 14 de out de 2015.

GIOVANAZ, Marlise Maria. <m-----@gmail.com>. *Entrevista de estudo TCC Aline Escandil*. 12 de out de 2015. Mensagem para: <e-----@gmail.com> em 13 de out de 2015.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Exposição: texto museológico e o contexto cultural, 1986b. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. Vol.1, 1.ed., São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 137-143.

_____. Formação profissional, 1986a. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. Vol.1, 1.ed., São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 224-231.

_____. O projeto Museológico (uma nova filosofia de trabalho). [Capítulo IV]. *Um museu de indústria em São Paulo*. 1980. 264p. Tese (Doutorado) - Pós-Graduação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fesp/SP), São Paulo, 1980. p. 115-143.

_____. Sistema da Museologia, 1983. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. Vol.1, 1.ed., São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 127-136.

II SEBRAMUS. *Caderno de Resumos do 2º Seminário Brasileiro de Museologia* – pesquisa em Museologia e perspectivas disciplinares. Recife, Nov.2015. 155p.

LEITZKE, Maria Cristina Padilha. *Curadorias compartilhadas: um estudo sobre as exposições realizadas no Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. 2012, 138 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

LIMA, José Milton de. *O Jogo como recurso pedagógico no contexto educacional*. São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação, 2008. 157p.

LIMA, Marcelo Stoduto. <m-----@hotmail.com>. Entrevista de estudo TCC *Aline Escandil*. 12 de out de 2015. Mensagem para: <e-----@gmail.com> em 14 de out de 2015.

MACHADO, Elias Palminor. <elias.machado@ufrgs.br>. Entrevista de estudo TCC *Aline Escandil*. 12 de out de 2015. Mensagem para: <e-----@gmail.com> em 02 de nov de 2015.

MATERIAL para formação de professores. *Material didático da exposição Alices: cenários de vida e arte*, 2013a. 44p.

MATERIAL para capacitação de mediadores. *Material didático da exposição Alices: cenários de vida e arte*, 2013b. 35p.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Para que serve um museu histórico? In: *Como Explorar um Museu Histórico*. São Paulo: USP/Museu Paulista, 2000.

MINUZZO, David. <d-----@gmail.com>. Entrevista de estudo TCC *Aline Escandil*. 12 de out de 2015. Mensagem para: <e-----@gmail.com> em 13 de out de 2015.

MURATORE, Eliane; SILVA, Ana Celina; SOUZA, Cidara; SOUZA, Micheli. Ação educativa na exposição “Do Confessionário ao Wireless: Landell de Moura, o Padre-Inventor”. *3º Fórum Mestres e Conselheiros* - municipalização do patrimônio e educação patrimonial, Belo Horizonte, 2011. 10p.

POSSAMAI, Zita Rosane. <z-----@gmail.com>. *Entrevista de estudo TCC Aline Escandil*. 12 de out de 2015. Mensagem para: <e-----@gmail.com> em 15 de out de 2015.

SÁ, Ivan Coelho de. Institucionalização das práticas museológicas: oitenta anos do Curso de Museus. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano (orgs.). *90 anos do Museu Histórico Nacional: em debate (1922-2012)*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2014. p.221-243.

SÁ, Ivan Coelho de; SIQUEIRA, Graciele Karine. *Curso de Museus - MHN, 1932-1978: alunos, graduandos e atuação profissional*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Museologia, 2007. 258p.

SANTOS, Maria Celia T. Moura. *Museu e educação: conceitos e métodos*. n. 31. Porto Alegre: Ciências & Letras, jan./jun 2002. p. 307-323.

SANTOS, Maria Célia. *Encontros museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu*. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN/DEMU, 2008.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Museus Brasileiros e política cultural. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v.19, nº 55, 2004. p.53-73.

SILVA, Ana Celina Figueira da. <a-----@gmail.com>. Entrevista de estudo TCC *Aline Escandil*. 12 de out de 2015. Mensagem para: <e-----@gmail.com> em 14 de out de 2015.

SILVA, Cinara Silva; FEIJÓ, Ida. *Museu e visita teatralizada: uma forma diferenciada de mediação*. Trabalho apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina Estudos de Público em Museus. Porto Alegre, 2011. 15p.

SIQUEIRA, Graciele Karine. *Curso de Museus - MHN, 1932-1978. O perfil Acadêmico-profissional*, 2009. 178p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO e do Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, Rio de Janeiro, 2009.

SOUZA, Michelli. <m-----@hotmail.com>. Entrevista de estudo TCC *Aline Escandil*. 12 de out de 2015. Mensagem para: <e-----@gmail.com> em 21 de out de 2015.

TEIXEIRA, Vanessa Barrozo. <vanessa.barrozo@ufrgs.br>. *Entrevista de estudo TCC Aline Escandil*. 12 de out de 2015. Mensagem para: <e-----@gmail.com> em 19 de out de 2015.

TEIXEIRA, Vanessa Barrozo; FARIA, Ana Carolina Gelmini de; MACHADO, Elias Palminor. A curadoria de exposições curriculares: uma construção coletiva. *II Seminário Seminário Brasileiro de Museologia (II Sebramus)*, Recife, 2015. 19 p.

TURMA 2009/1. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia. *Projeto de curadoria expográfica Fatos, Lendas e Mitos - Um olhar sobre imaginário de Porto Alegre*. 2011. 59p. [Projeto apresentado na disciplina BIB03215 - Projeto de curadoria expográfica].

TURMA 2010/1. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia. *Projeto de curadoria expográfica Brinquedo é Coisa Séria*. 2012. 40p. [Projeto apresentado na disciplina BIB03215 - Projeto de curadoria expográfica].

TURMA 2012/1. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia. *Exposição AGÔ - presença negra em Porto Alegre*:

uma trajetória de resistência. 2015. 97p. [Projeto apresentado na disciplina BIB03215 - Projeto de curadoria expográfica].

UFRGS. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia. *Currículo e Símulas das disciplinas*, 2015a. Disponível em: <<http://www1.ufrgs.br/graduacao/xInformacoesAcademicas/curriculo.php?CodCurso=731&CodHabilitacao=145&CodCurriculo=1>>. Acesso em out de 2015.

_____. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia. *Ementário do Curso de Museologia Gestão 2014/2015*, 2015b. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/fabico/documentos-comgrads/ementario-do-curso-de-bacharelado-em-museologia-2014-15>>. Acesso out de 2015.

APÊNDICE A**TERMO DE CONSENTIMENTO DA PESSOA COMO SUJEITO E AUTORIZAÇÃO
DE USO DA ENTREVISTA**

Eu, _____, RG/CPF _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo do Trabalho de Conclusão de Curso de Museologia/UFRGS: **EDUCAÇÃO & EXPOSIÇÃO: A trajetória do caráter educativo nas exposições curriculares da UFRGS**, como sujeito colaborador.

- () Permitindo que meu nome verdadeiro seja citado.
() Não permitindo que meu nome verdadeiro seja citado.

Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Aline Escandil de Souza, sobre a pesquisa e seus procedimentos. Assim como AUTORIZO, o uso das respostas dadas na entrevista da qual fui colaborador (a), via correio eletrônico (e-mail). Recebi uma cópia do termo.

Local e data

Assinatura

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES/ MUSEÓLOGO DO CURSO DE MUSEOLOGIA DA UFRGS

1. Como foi a experiência de você participar como professor/museólogo da concepção, montagem e avaliação de uma (das) exposição (ões) curricular (es)?
2. Como você avalia as exposições curriculares enquanto atividade de ensino para a formação do museólogo?
3. Na sua opinião qual a relevância de um curso de Museologia possuir em sua grade curricular uma atividade de ensino como as exposições curriculares?
4. Como se desenvolve a dinâmica entre as disciplinas obrigatórias que compõem esse processo no curso de Bacharelado em Museologia da UFRGS (BIB03212. Expografia, BIB03215. Projeto de Curadoria Expográfica e BIB03217. Prática de Exposições Museológicas)?
5. Na reforma curricular de 2014/1 realizada no curso de Museologia da UFRGS essas disciplinas mudaram de etapa. Quais foram as motivações desse ajuste?
6. Como as demais disciplinas do currículo do curso de Museologia da UFRGS dialogam com essa atividade de ensino?
7. Até o presente momento foram realizadas cinco exposições curriculares no curso de Museologia da UFRGS. Como você avalia esse processo ao longo da realização dessas exposições?
8. Existe no campo dos museus alguma rede/ ação para troca de experiências/ informações referentes às práticas de exposições curriculares nos cursos de Museologia?
9. No processo que vivenciou como foi concebida e executada as ações educativas vinculadas ao projeto expográfico?
10. Poderia compartilhar um fato ou acontecimento que lhe marcou durante o processo da concepção, montagem e avaliação da exposição curricular?

Atenciosamente

Aline Escandil de Souza

APÊNDICE C

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA ALUNOS-CURADORES DO CURSO DE MUSEOLOGIA DA UFRGS

1. Como foi a experiência de você participar da concepção, montagem e avaliação de uma exposição curricular?
2. Como você avalia as exposições curriculares enquanto atividade de ensino para a formação do museólogo?
3. Como foi o processo de concepção, montagem e avaliação da exposição curricular que participou?
4. As demais disciplinas do currículo do curso de Museologia da UFRGS dialogaram com a exposição curricular?
5. Por que a escolha de participar do Núcleo Educativo de sua exposição curricular? Quais projetos educativos foram concebidos? Todos foram executados? Como avalia esse processo?
6. Poderia compartilhar um fato ou acontecimento que lhe marcou na realização das ações educativas?

* Fotos das ações educativas, se você possui algum registro que possa e queira compartilhar comigo será muito bem vindo para o meu estudo no Trabalho de Conclusão de Curso.

Atenciosamente

Aline Escandil de Souza